



**UNIVERSIDADE GAMA FILHO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**MÁRCIO BORGES VIEIRA**

***TEORIA DAS IDÉIAS E ATUALIDADE PEDAGÓGICA DO  
PENSAMENTO DE PLATÃO: MODELO E CÓPIA***

Dissertação de Mestrado

Área de Concentração: Ética



Rio de Janeiro/06

**UNIVERSIDADE GAMA FILHO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

***“TEORIA DAS IDÉIAS E ATUALIDADE PEDAGÓGICA DO  
PENSAMENTO DE PLATÃO: MODELO E CÓPIA”***

Por

**MÁRCIO BORGES VIEIRA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Universidade Gama Filho, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Filipe Ceppas

Rio de Janeiro/06



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

Av. Presidente Vargas, 62/12º andar - Centro CEP: 20071-000. Tel./Fax (021) 2518.2028 ramal 359  
e-mail: doumesfi@ugf.br

O(A) autor(a), abaixo assinado(a), **autoriza** as Bibliotecas da Universidade Gama Filho a reproduzir este trabalho para fins acadêmicos, de acordo com as determinações da legislação sobre direito autoral, n(s) seguintes(s) formato(s)

( X ) Fotocópia

( X ) Meio digital

Assinatura do autor: \_\_\_\_\_



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

Av. Presidente Vargas, 62/12º andar - Centro CEP: 20071-000. Tel./Fax (021) 2518.2028 ramal 359  
e-mail: doumesfi@ugf.br

**"TEORIA DAS IDÉIAS E ATUALIDADE PEDAGÓGICA DO PENSAMENTO DE PLATÃO: MODELO E CÓPIA"** Dissertação de Mestrado em Filosofia apresentada por **MÁRCIO BORGES VIEIRA** em 22 de dezembro de 2006 ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UGF-RJ, e aprovada pela Comissão Julgadora formada pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Filipe Ceppas de Carvalho e Faria  
(Orientador)  
Universidade Gama Filho – UGF

Prof. Dr. Edson Peixoto de Resende Filho  
Universidade Gama Filho – UGF

Prof. Dr. Marcus Reis Pinheiro  
UFRJ

Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 2006

Prof. Dr. Edson Peixoto de Resende Filho  
Coordenador do Programa de Pós-graduação em Filosofia

À minha esposa, Edione, amada companheira que dividiu comigo esta missão. Sem dúvida nenhuma, você também merece ser chamada de mestre. Ao meu filho Mateus, inspiração diária para continuar perseverando na busca desta vitória.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, em especial meu orientador, Prof. Dr. Filipe Ceppas, ao Prof. Dr. Marcus Reis Pinheiro que gentilmente aceitou participar da banca examinadora. Ao Prof. Dr. Edson Resende, coordenador do curso de pós-graduação da Universidade Gama Filho, e de maneira geral a todos os professores do curso.

Agradeço aqueles que leram partes ou versões preliminares do texto, pelas contribuições inestimáveis: Professores, Elly Correa, Edelcir Soares, Joelma Avarengua, Olympio Menezes Filho, Sueli Lara e, também, Sandra R. Klippel.

Obrigado aos meus superiores e colegas de trabalho do Colégio Militar de Curitiba pela contribuição através do companheirismo e das horas preciosas concedidas para realização deste trabalho.

Agradeço, ainda, e com muito carinho, a algumas mulheres especiais: Maria (minha mãe) e Iraci (minha sogra) – mulheres valorosas que me acompanharam nesta jornada e me ofereceram o seu apoio e inúmeras orações. Aos familiares do Rio de Janeiro, tia Zeny e prima Maximina, que abriram as portas de suas casas para acolher-me, quando das minhas estadas na cidade do Rio de Janeiro.

A todos os meus amigos da Igreja Batista de Curitiba que, nas várias etapas desta caminhada, ajudaram com palavras de incentivo.

*Apanhaste muito bem meu pensamento, lhe falei. Agora, para essas quatro seções admite outras tantas operações do espírito: razão, para a mais elevada; entendimento, para a que se lhe segue; à terceira atribuirás [à] fé, e à última a conjectura, e as distribui segundo o critério de que quando mais participar cada uma delas da verdade, tanto maior evidência alcançará. Platão, A República.*

## RESUMO

Esta dissertação procura estabelecer relações entre questões atuais da educação e o pensamento pedagógico de Platão, ressaltando o que este tem de atual. Em especial, procura-se, aqui, indicar a fertilidade teórica de sua Teoria das Idéias e da questão da *mimesis* para a compreensão e o questionamento dos processos educacionais marcados pelo predomínio da reprodução, da memorização, da cópia. A dissertação propõe, ainda, aproximar a perspectiva pedagógica de Edgar Morin desta discussão, indicando alguns pontos de contato entre suas teses pedagógicas e a perspectiva platônica.

Palavras chaves: Idéias; Modelo; Cópia; Educação; Atualidade; Diálogo e Dialética



## **ABSTRACT**

This work aims at establishing links between current educational issues and Plato's pedagogical thinking, specially those topics which are still valid at present. It attempts at showing the theoretical potentialities of his Theory of Ideas and the Mimesis question in order to understand and criticize the educational processes in which reproduction, memorization and copy are extremely emphasized. In addition to it, this research aims at bringing Edgar Morin's pedagogical perspective to this discussion, highlighting some linking points between his pedagogical theories and Plato's perspective.

Key-words: Ideas; Shapes; Model; Copy; Education; Present Times; Dialogue and Dialectic.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.

## SUMÁRIO

<b>SUMÁRIO</b> .....	<b>v</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
<b>1 UMA LEITURA DA TEORIA DAS FORMAS</b> .....	<b>5</b>
1. 1 PLATÃO: A TEORIA DAS FORMAS E O PROCESSO DIALÉTICO ...	10
<b>2 A EDUCAÇÃO</b> .....	<b>23</b>
2.1 IMITAÇÃO – MIMESIS .....	33
2. 2 A PROPOSIÇÃO PEDAGÓGICA DA FILOSOFIA DE PLATÃO .....	40
<b>3 O MODELO DA DIALÉTICA DE PLATÃO E A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA</b> .....	<b>46</b>
3.1 A FORMAÇÃO DO CONCEITO DE MODELO DA PAIDÉIA GREGA. 52	
3.1. 2 O Cidadão da <i>Polis</i> .....	57
3.2 ALGUNS ELEMENTOS DE UNIÃO ENTRE O PENSAMENTO PEDAGÓGICO DE PLATÃO E A EDUCAÇÃO ATUAL.....	64
3.2.1 A Escola de Hoje e do Futuro .....	65
3.2. 2 A Ética e a Pedagogia .....	74
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>77</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>83</b>

## INTRODUÇÃO

Investigar o pensamento de um filósofo antigo é uma tarefa árdua, quer pela distância que se interpõe, quer pelo próprio significado dos conceitos. Esse desafio, porém, apresenta-se muito enriquecedor quando se percebe certa vitalidade e por assim dizer contemporaneidade no pensamento de tal filósofo. O vigor dos escritos platônicos evidencia-se através das incursões no farto acervo que Platão deixou para a humanidade e nos extensos estudos a ele dedicados.

Nesta dissertação pretende-se uma leitura da atualidade do pensamento platônico referente à imitação – *mimesis* – em relação às construções do conhecimento, incidindo em uma reflexão sobre a Educação, pois certos modos de conceber o conhecimento podem ser vistos como a argamassa da construção das idéias e dos comportamentos do ser humano contemporâneo. Considerando-se, portanto, que o estudo da *teoria das formas* parece ser motivado pelo fato de apresentarem considerável mecanismo metodológico, pois justificam o conhecimento de um mundo em mutação, num constante devir, evitando se fixar apenas nas aparências, ele oferece uma argumentação importante para a proposta deste estudo que pretende lançar um olhar sobre o pensamento pedagógico de Platão (restringindo-se tal proposta à ambigüidade dos conceitos de modelo e cópia) e os atuais objetivos ou processos educacionais, bem como a costumeira inobservância destes na prática escolar.

É com esse intento, que se busca destacar no capítulo1 alguns aspectos, pertinentes ao assunto abordado, da Teoria das Formas. Uma vez que a *forma*, na

visão desse filósofo, parece ser o fundamento portador da própria essência, seja no plano sensível ou inteligível, uma vez que Platão a define – enquanto modelo, idéia e paradigma – como a mais alta identidade (essência) e dela as coisas sensíveis podem ser reproduzidas mediante a participação de propriedades da forma, de acordo com suas características próprias. É importante destacar que a forma (Idéia) é definida num sentido diferente do comumente pensado na atualidade, sendo não uma idéia da mente do homem mortal, pois que seu significado refere-se a algo perfeito e imperecível. Porquanto esses modelos (Idéias) não se situam na dimensão humana, pois são eternos e aquilo que se percebe são coisas sensíveis e, portanto, cópias dos modelos. Platão apresenta em seus escritos, mais especificamente no *Timeu* (37c – 50d), as *formas* ou *Idéias* como uma família, onde o *modelo* personifica a imagem do pai, os filhos são as coisas sensíveis que buscam na imagem do pai sua identidade e, assim como em uma família, os filhos do mesmo pai assemelham-se entre si, sendo que, nesse cenário, a mãe representa o espaço abstrato que acolhe todas as coisas geradas.

Evidentemente, nessa perspectiva, surge um questionamento essencial: há um modelo de mundo, um modelo de comportamento ou mais especificamente um modelo de educação? Para Platão, o mundo pode ser um conjunto de acontecimentos caóticos e mutáveis, o único veio de estabilidade é aquilo que – nas coisas, acontecimentos e comportamentos – respeita o modelo que lhe dá a forma.

Assim, ao ser feita uma ponderação sobre a filosofia educacional de Platão, torna-se necessário fazer uma relação com o pensamento atual no âmbito do ensino, razão pela qual uma das questões abordadas neste trabalho (mais precisamente no capítulo 2) é a possibilidade da teoria platônica contribuir para uma reflexão sobre o processo de transmissão ou de construção do conhecimento

escolar, principalmente a relação daquele com a arte de imitar, muitas vezes criticada por Platão; pois o que se observa, nesse contexto, é que a concepção do *modelo* e da *cópia* (imitação), em sua obra, pode promover um diálogo sistemático e fundamentado sobre o aspecto prático que professores e alunos, por exemplo, podem dar à concepção de *modelo* e de *cópia* nos processos de ensino e de aprendizagem que ocorrem atualmente. Portanto, na busca por um saber elevado e fundamental sobre as questões da educação, é preciso contextualizar aspectos pedagógicos da Grécia antiga. Assim a concentração em alguns momentos da obra desse filósofo, que deixou contribuição essencial para a educação, é feita com o objetivo de destacar alguns pontos (no capítulo 3) por vezes até incomuns (pelas características da escrita platônica), que permitem perceber elementos de união com o pensamento, por exemplo, de Edgar Morin, entre outros, a cerca da educação e especificamente sobre o modo de educar da escola na atualidade, bem como estudar o impacto da herança deixada pelos pressupostos gregos que permeiam o espaço educacional, ainda hoje, e é nesse sentido que são realizadas algumas incursões em alguns estudos sobre Platão.

Com essas reflexões, o objetivo é relacionar o pensamento de Platão com a Educação, recorrendo-se, principalmente, à metáfora filosófica da *caverna*, que apresenta indícios importantes para compreender o processo de imitação e a relação de cópia e de modelo, assim, desvelando o sistema existente na escola e buscando, dessa forma, uma análise do processo de transmissão cultural desta escola. Obviamente, as opções por determinados modelos estão diretamente relacionadas à bagagem teórico-ideológica que traz cada um. Assim a identificação pode acontecer com o modelo educacional tradicional, fundamentado na racionalidade, que emergiu com a modernidade ou como modelo de modernidade,

ou com uma proposta para um modelo que permita repensar a educação em busca de um caminho alternativo, para o qual uma das possibilidades pode estar nos subsídios encontrados na pedagogia da filosofia de Platão.

No entanto há de se ter bem claro que não se tem aqui o propósito de indexar este estudo a nenhuma escola, seja filosófica, seja educacional. Muito menos a pretensão de esgotar o assunto relativo ao problema abordado, bem como em relação ao pensamento platônico, dada à amplitude de ambos e a limitação oriunda do recorte restrito, dentro deste todo, que é aqui analisado.

Considerando tais aspectos, o estudo desenvolvido nesta dissertação foi realizado a partir de uma análise qualitativa que teve por suporte as leituras de obras do próprio Platão e de estudiosos de várias áreas que oferecem leituras enriquecedoras sobre a filosofia e mais propriamente sobre a abordagem que Platão faz em relação ao processo educacional, de onde emergem concepções sobre a dialética e a dialógica, que são paradigmas atuais e abrangentes e justificam o embrenhar-se nesta aventura filosófica de busca pela compreensão dos vetores que estão inscritos no processo do conhecimento humano.

# 1 UMA LEITURA DA TEORIA DAS FORMAS

“Assim até na fase máxima de sua espiritualização a arete grega permanece fiel às suas origens; e da luta de Sócrates, tal como dos trabalhadores dos heróis de Homero, brota a força humana criadora de um novo arquétipo, que terá em Platão o seu profeta e mensageiro poético.”  
(Jaeger)

Nesse primeiro momento, pretende-se um exercício de compreensão da Teoria das Formas de Platão. Entendendo a filosofia de Platão\* como um esforço para identificar a realidade com a luminosidade, colocando sua força numa *Idéia* que traz a compreensão ao pensamento, processo este que se faz necessário para o desenvolvimento do Homem, seja do seu comportamento moral, seja da redenção da alma imortal, quer seja ainda pela educação da razão. Platão afirma (em um trecho de *A República*) que a alma é a única que pode relacionar-se com os dois mundos, sendo que a *Idéia*, como tal, só pode ser conhecida pela alma na medida em que esta lhe seja mais próxima de todas as coisas, pois a alma é o elo entre o Ser e o não-ser e somente ela é capaz de chegar àquele espaço transcendente no qual o Ser existe. A alma fixa, portanto, no mundo inteligível, o único objeto verdadeiro, a *Idéia*, contudo ela pode querer se fixar nas coisas sensíveis e permanecer no reino das opiniões (*doxa*). Sobre isso, Platão<sup>1</sup> deixou suas considerações, conforme abaixo:

Mas estou certo de que, quando se voltam para objetos iluminados pelo Sol, vêm distintamente, parecendo que neles mesmos reside a faculdade da visão.  
Sem dúvida.

Considere agora a alma sob igual perspectiva, quando se fixa nalgum objeto iluminado pela verdade e pelo ser, imediatamente o percebe e o reconhece, e se revela inteligente; quando, porém, se volta para o que é mesclado de trevas, que se

---

\* Em razão da abrangência do tópico, recomenda-se a leitura da obra *História da Filosofia: filosofia pagã antiga* (V. 1) de Reale e Antiseri.

<sup>1</sup> Platão; NUNES, Benedito. **A República**: (ou: sobre a justiça, gênero político). 3. ed., rev. Belém: UFPA, 2000. 470, 508d.



forma e desaparece, passa apenas a conjecturar e fica turva, mudando a toda hora de opinião como se perdesse por completo a inteligência.

Contudo, embora seja incontestável que a teoria das formas é uma de suas teses mais importante e que fornece um eixo de sustentação ao seu pensamento, a crítica exposta por Reale é que, investigando somente os efeitos que derivam dela própria, não se poderia defendê-la adequadamente, pois tal fundamentação apenas se pode vislumbrar parcialmente nos escritos, adquirindo maior coerência em suas raízes históricas, de forma a suprir a ausência da parte escrita.<sup>2</sup> Para esse estudioso de Platão, a “Teoria das Idéias” (formas) possui alguns pontos centrais que não se pode desprezar: a Inteligibilidade, a Incorporeidade, o Ser em sentido pleno, a Imutabilidade, a Perseidade e a Unidade.<sup>3</sup> Considera-se, portanto, que uma análise resumida desses aspectos, além de proporcionar certa clareza da magnitude da metafísica das Idéias e conduzir ao entendimento em algum grau, leva a compreender o modo como Platão\* explica o conhecimento da realidade sensível.

Platão apóia-se em raciocínios, e a realidade só se apreende com raciocínios, e esta é claramente a realidade inteligível das Idéias. Ocorre que a primeira característica que define a magnitude da metafísica das Idéias é a *inteligibilidade* – pois a Idéia é, por excelência, objeto do intelecto e captável apenas por ele –, a qual tem vínculos muito fortes com as características da *incorporeidade*, porquanto a Idéia pertence a uma dimensão totalmente diferente do mundo corpóreo sensível.

A inteligibilidade, portanto, exprime uma característica essencial das Idéias, que as contrapõe ao sensível, que lhes impõe um âmbito de realidade subsistente acima do

---

<sup>2</sup> REALE, Giovanni. **Para uma nova interpretação de Platão:** releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das doutrinas não-escritas. 14 ed. São Paulo: Loyola, 1997.

\*Nesse contexto, o do entendimento do pensamento platônico e a sua Teoria das Formas, é interessante a leitura da obra de David Ross, traduzida por José Luiz Díez Arias, *Teoria das Lãs Ideias de Platón*.

<sup>3</sup> Id. p.122.

próprio sensível, e que, justamente por si, só é captável com a inteligência que saiba destacar-se adequadamente dos sentidos.<sup>4</sup>

É a inteligência que ultrapassa em abrangência a extensão do corpóreo e ela é por natureza *incorpórea*, pois que o pensamento platônico é pautado por uma realidade com dois planos distintos, o inteligível e o sensível, ou dito de outra forma, há uma nítida distinção do plano metafísico e do plano físico. As Idéias, para ele, são insistentemente alocadas num plano totalmente diferente do sensível e atribuídas à qualidade de verdadeiro Ser, ser em si, ser estável e eterno.

Um modo tradicional de explicar as antedecências desta divisão metafísica é a afirmar que o mundo das coisas sensíveis possui as propriedades que Heráclito\*, assim como Aristóteles de certo modo, apregoava a todo ser; ao passo que o mundo das Idéias possui as propriedades que Parmênides apregoava a todo ser. A dimensão do Ser (naturalmente reinterpretado de maneira adequada), de que falava Parmênides, é a *causa* – a *verdadeira causa* –, já o devir de que falavam os heraclitianos é o *causado*, o efeito.

Dizendo de outra forma, o devir deve tomar de empréstimo e receber o ser das Idéias, porém essas não devem estar sujeitas a ele. O ser absoluto, próprio das Idéias, caracteriza-se por completo com base num raciocínio que Platão expõe na República: “essa coisa [o devir] ficaria a meio caminho entre o ser puro e o não-ser absoluto, sem relacionar-se nem com o conhecimento, nem com a ignorância, mas

---

<sup>4</sup> Id. p.123.

\* Heráclito defendia a tese que as coisas "são e não são" no sentido que as coisas não somente mudam de lugar e mudam no tempo, como também são a própria mudança, ou seja, estão sempre em movimento, o ser é devir. Parmênides dizia que as coisas que "são tais quais elas são", num sentido absoluto, são. As coisas devem ser num todo e sem falhas, ou seja, há verdades firmes, que a verdade vale mais do que tudo. (WATANABE, Lygia Araújo. **Platão por mitos e hipóteses**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.)

com alguma faculdade eqüidistante do conhecimento e da ignorância.”<sup>5</sup> O que significa que as Idéias são subtraídas a qualquer forma de mudança, não só ao nascer e ao perecer. Assim,

Platão compõe a antítese entre essas duas escolas [Heráclito e Parmênides], justamente com a distinção dos dois planos diversos do Ser, ou seja, nem todo ser é como queriam os heraclitianos, mas só o ser sensível, e, analogamente, nem todo ser é como queriam os eleatas, mas só o ser inteligível, as Idéias.<sup>6</sup>

Individualmente a Idéia é uma *unidade* e, dessa forma, justifica as coisas sensíveis que dela participam, estabelecendo desse modo uma multiplicidade unificada por serem as Idéias, cada uma delas, uma unidade unificadora da multiplicidade das coisas que delas participam. “E, justamente por isso, o verdadeiro conhecimento consiste em saber unificar a multiplicidade numa visão sinótica, que reúna a multiplicidade sensível na unidade da Idéia da qual depende”.<sup>7</sup>

O aspecto essencial da Idéia excede bruscamente a realidade sensível, e com a qual mantém, em decorrência de sua perfeição e superioridade absoluta, uma relação de soberania e de distância, explica que na transcendência das Idéias está o fundamento da sua imanência; elas podem ser a causa verdadeira do sensível, pois transcendem o próprio sensível. “A transcendência das Idéias é, justamente, o que qualifica a função que elas cumprem de ‘causa verdadeira’”.<sup>8</sup>

Platão\*, especialmente a partir do *Fédon*, expõe, entre outros o motivo da imanência, o motivo pelo qual cabe um tratamento teórico e que pode ser nomeado,

<sup>5</sup> PLATÃO. **A República**. Op. cit. 478d.

<sup>6</sup> REALE. Op. cit. p.129.

<sup>7</sup> Id.p.136.

<sup>8</sup> Id. p.139.

\* De maneira geral os diálogos de Platão encontram-se divididos em três fases: os da juventude, da maturidade e da velhice desse pensador. Sendo que se pode considerar como os escritos do último período: *Teeteto*, *Parmênides*, *Sofista*, *Político*, *Filebo*, *Timeu*, *Crítias* e *As Leis*. No período central temos: *Crátilo*, *Banquete*, *Fédon*, *República* e *Fedro*. A maioria dos outros diálogos, principalmente os curtos, refere-se à primeira fase, e, sobretudo denotam a forte temática socrática. (ROSS, David. **Teoria das Lãs Ideas de Platón**. Tradução de José Luiz Díez Arias. Madrid: Cátedra, 1997.)

na maneira mais acertada, de *transcendência*, além de apresentar o aspecto que faz com que cada coisa seja ela mesma e não outra, ou seja, as Idéias; e como e o que continua sendo idêntico nas coisas, o que faz a junção das coisas na sua natureza e as torna, conseqüentemente, inteligíveis.

Dessa forma, tem-se um plano novo e superior da mesma realidade, pois as idéias contrastam com as coisas empíricas, como o inteligível com o sensível, o Ser com o vir-a-ser, o incorpóreo com o corpóreo, o imóvel com o móvel, o absoluto com o relativo e a unidade com a multiplicidade.

Platão sustentou com firmeza na sua mensagem filosófica a existência de dois diferentes planos do Ser\*, porém se esses planos são separados metafisicamente, erra quem confunde a distinção destes com a declaração de que são constituídos de naturezas diferentes, de tal forma que as idéias seriam fisicamente supercoisas,<sup>9</sup> pois “Platão, com as Idéias, descobriu o mundo do inteligível como a dimensão incorpórea e a meta empírica do ser”.<sup>10</sup> A verdadeira razão de ser do sensível, a *causa verdadeira* no sentido da *causa meta empírica* é o mundo do inteligível incorpóreo que transcende o sensível. Afirma ainda, Reale, que

o dualismo de Platão não é senão o dualismo de quem admite a existência de uma causa supra-sensível como razão de ser do próprio sensível, convencido de que o sensível, por causa da sua autocontraditoriedade, não pode possuir uma razão de ser total de si mesmo.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Id. p.143.

<sup>10</sup> Id. p.143.

<sup>11</sup> Id. p.143.

\* Platão expõe sua concepção dos planos do ser através da metáfora da linha dividida que será descrita mais adiante, nesta dissertação.

## 1. 1 PLATÃO: A TEORIA DAS FORMAS E O PROCESSO DIALÉTICO

Ao reunir Parmênides e Heráclito, o Sócrates platônico\*elabora a sua teoria das Idéias ou Formas, algo novo que não ocorre em nenhum dos pensadores anteriores. Um aspecto dessa teoria nasce da explicação dos objetos do argumento na matemática. Assim, quando um matemático estabelece um teorema sobre triângulos, aparentemente não se ocupa de nenhuma figura que possa ser desenhada no papel, pois essa figura tem imperfeições que extrapolam as considerações matemáticas e por mais que se tente traçar uma linha reta exata, nunca será perfeitamente exata. Do que se conclui que a linha reta perfeita pertence a um mundo diferente, e daí se extraiu a idéia de que as formas pertencem a uma ordem de existência diferente. O que Platão, sob a influência de Pitágoras, tentou fazer foi dar um *logos* ou explicação para essa concepção, a fim de salvar as aparências, e utilizou-se para isso de uma hipótese matemática, uma vez que percebeu a insuficiência e a inadequação que o homem pode ter ao se fixar no que as aparências podem exprimir.

No *Gorgias*, o corpo, os prazeres e as sensações oferecem dificuldades para o pensamento filosófico, o que os evidencia como obstáculo irreduzível da irracionalidade do mundo. Percebe-se o desprezo platônico pelo mundo sensível (o *vir a ser – gignomai*). Porém se faz necessário entender melhor a questão do mundo sensível e as relações que existem entre os dois mundos – o Inteligível e o Sensível.

---

\* Esclarecimentos relevantes sobre a relação do pensamento socrático/platônico são encontrados em *Antes de Depois de Sócrates*, de autoria de Cornford, no seu capítulo III.

Assim, o diálogo\*, para Platão, faz sentido quando conduz o indivíduo para além das percepções sensíveis que ele possui das coisas, para atingir o nível em que apenas as Idéias universais são contempladas pela alma. Dessa forma, o mundo nascido em tais condições foi feito em conformidade com aquilo que é o objeto de intelecção e de reflexão, ou seja, que é idêntico. <sup>12</sup>

A dialética, para Platão, consiste fundamentalmente em distinguir a aparência da essência das coisas, ou seja, discernir tudo o que deriva de sua forma física e que conduz ao conhecimento imperfeito (opinião), daquilo que deriva da sua identidade e que se coloca como verdade universal e imutável, porquanto o objetivo da dialética é alcançar o ponto de partida único e supremo: a forma do Bem. A função da dialética é estudar quais dessas formas ou *espécies superiores* combinam ou não. A Idéia, tal como Platão disse e repetiu, é apreendida apenas por uma sucessão de discursos e o encantamento das proposições, e ele define o dialético como quem sabe interrogar e responder. <sup>13</sup>

Desse modo, a dialética sustenta a convicção de que a aquisição do saber filosófico exige a tomada de distância frente aos saberes ingênuos que satisfizeram o aprendiz, até então, e tem a tarefa de desmontar os argumentos, de modo a provocar, naqueles que os sustentam, o sentimento de seu não-saber. Para Platão, a dialética é um método para transcender as hipóteses, para chegar ao absoluto, mas essas teses não hipotéticas devem ser garantidas por uma intuição evidente. Nesse processo, o raciocínio avança passo a passo, e cada passo deve ser confirmado pelo interlocutor. Assim, sendo verdade que “tudo que nasce ou advém

---

\* No entanto, Simone Manon, em *Platão* (p.23), apresenta opinião divergente, pois considera que “Os diálogos socráticos [alguns diálogos] são aporéticos na medida em que a discussão chega a um impasse e não a uma conclusão positiva. Uma aporia é um obstáculo ao pensamento” .

<sup>12</sup> PLATÃO. **Timeu**: Crítias; O segundo Alcebiades; Hípias menor. Tradução: Benedito Nunes. 3.ed., 2001. 29a.

<sup>13</sup> PLATÃO. **Teeteto**: Crátilo. Trad. Benedito Nunes. 3.ed. Belém:UFPA, 2001. 390c.

procede necessariamente de uma causa, porque nada pode originar-se sem causa”,  
<sup>14</sup> [e] “então, digamos por que razão o que formou o universo e tudo o que devem o  
 formou. Este era bom: ora, no que é bom, jamais poderá entrar inveja seja do que  
 for. Exime, assim, de inveja, quais que, na medida do possível, todas as coisas  
 fossem semelhantes a ele.” <sup>15</sup>.

Quanto mais estreitamente uma coisa sensível se assemelha à sua Forma ou  
 Idéia, menos corruptível será ela, visto que as próprias Formas são incorruptíveis.  
 Mas as coisas sensíveis ou geradas não são cópias perfeitas, pois são apenas uma  
 imitação da verdadeira realidade, apenas aparência e ilusão e não a verdade. A  
 tarefa é fazer com que se dissolvam e, com isso, reaver a sua *verdade*, assim como  
 a tarefa de Sócrates, nos diálogos, é causar embaraços na argumentação dos seus  
 adversários. Faz-se necessário perceber que as coisas perecíveis têm sua base na  
 essência e dela se originam. Isso é possível perceber na seguinte passagem de  
*Fédon*:

Tentarei mostrar-te a espécie de causa que descobri. Volto a uma teoria que já  
 muitas vezes discuti e por ela começo: suponho que há um belo, um bom e um  
 grande em si, e do mesmo modo as demais coisas [...] Examina, pois, com cuidado,  
 se estás de acordo, como eu, com o que se deduz dessa teoria! Para mim é evidente:  
 quando, além do belo em si, existe um outro belo, este é belo porque participa  
 daquele apenas por isso e por nenhuma outra causa. O mesmo afirmo a propósito de  
 tudo mais.<sup>16</sup>

Esse parece ser o núcleo do pensamento metafísico, Sócrates percebe que a  
 verdade não se encontra no mundo sensível, mas onde estão os entes inteligíveis,<sup>17</sup>  
 e estes são captados apenas pelo pensamento e pelo raciocínio. É uma nova  
 compreensão do Ser, e foi a grande questão do pensamento, na época de Platão, o  
 qual expõe no *Fédon* que se existem coisas sensíveis belas, as quais podem ser

<sup>14</sup> PLATÃO. *Timeu*. Op. cit. 28a.

<sup>15</sup> PLATÃO. *Timeu*. Op. cit. 29e.

<sup>16</sup> PLATÃO. *Fédon*. Op. cit. 100 b-c.

<sup>17</sup> Id. 65c - 66b.

contempladas pelo órgão sensorial da visão, é por que elas participam do Belo perfeito que existe em si mesmo. Ele separa, de um lado, as Formas, que são imutáveis e eternas, e de outro, as coisas do mundo sensível, que são mutáveis e perenes.<sup>18</sup> O que se quer apontar aqui é a inferioridade do sensível, segundo o pensamento platônico,<sup>19</sup> focando na questão muito discutida que é: como se manifesta essa deficiência?

Pode-se dizer que para Platão as coisas sensíveis apropriam-se de maneira insuficiente da qualidade que a Forma tem do modo completo e que a relação existente entre os dois planos é aproximativa. A argumentação utilizada por Sócrates aponta para a questão a seguir: de onde se toma o conhecimento da igualdade? No *Fédon*, é importante lembrar que o que é sensível tem aspirações de assemelhar-se ao inteligível e isso ocorre porque evidencia a deficiência pela lembrança do seu exemplar que é a Forma, ou seja, pela reminiscência.<sup>20</sup> O conhecimento precisa ter um objeto, precisa ser de algo que é ou então não é nada, como diria Parmênides. O conhecimento é fixo e certo, é a verdade livre de erro; por outro lado, a opinião pode ser equivocada. Mas, como a opinião não é conhecimento do que é, nem tampouco nada, precisa ser tanto do que é quanto do que não é, como proporia Heráclito.

Aristóteles afirmou que a teoria platônica das Formas é uma síntese entre a certeza heraclítica de que no mundo sensível tudo flui e nada permanece, do que se derivaria que nada dele podemos conhecer, e a busca socrática por definições universais. Eis como ele conclui seu testemunho acerca da teoria das formas com base nessas duas correntes do pensamento grego:

---

<sup>18</sup> Id. 18c e 79a.

<sup>19</sup> Id. 74a e 75 b.

<sup>20</sup> PLATÃO. *Ménon*. 79e e 81a.



Platão aceitou a sua doutrina [a de Sócrates], sustentando, porém, que o problema não dizia respeito às coisas sensíveis e sim a entidades de outra espécie e, por este motivo, a definição comum não podia versar sobre qualquer coisa sensível, uma que estas mudavam constantemente. A essa outra espécie de coisas chamou Idéias, dizendo que os sensíveis eram denominados de acordo com elas e em virtude de uma relação com elas; pois o múltiplo existe graças à participação nas Idéias que com eles têm o nome em comum.<sup>21</sup>

A Teoria das Formas deu a essa fórmula clareza e um conteúdo preciso – na medida em que estabeleceu o modo como se adquire conhecimento, sua própria natureza, bem como quais são seus objetos. Para Sócrates, era necessário encontrar o Bem universal, e ele o considerava um conhecimento; para Platão, o Bem não é apenas uma definição universal, mas uma Forma absoluta em si mesma, objeto do único conhecimento certo e possível, e é conhecida somente pelo raciocínio e pelo pensamento<sup>22</sup>.

Parmênides com sua doutrina influenciou na concepção platônica de um ser puro, inteligível e imóvel, reforçando as suas características: a pureza, a inteligibilidade, a indivisibilidade e a imobilidade. São nessas relações entre os conceitos e os objetos naturais que os conceitos da matemática e da geometria ganham destaques, pois auxiliam a provar que o *bom* e o *justo* transformam-se em realidade, fixando o ideal como Dever-ser. É a realidade do valor, do espírito, não a da natureza. Surge, portanto, a metafísica no momento em que Platão se apropria do discurso – diálogo – e desemboca na questão do Ser, mais precisamente no aprofundamento da questão do que vem a ser a existência justa.<sup>23</sup>

<sup>21</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969. 987 b.

<sup>22</sup> CORNFORD, F. M. *Principium sapientiae*: as origens do pensamento filosófico grego. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

<sup>23</sup> CHANTELET, François. *Platão*. Porto: Res (1977?)

\* Para maior compreensão do exposto, encontram-se importantes subsídios no artigo *A interpretação de Pierre Aubenque dos usos filosóficos da analogia em Platão* de autoria do professor Edson Peixoto Resende Filho.

As idéias são poderes de iluminação, fontes de luz da realidade que tudo ordena e que estrutura todas as realizações. A dificuldade central da Teoria das Formas é a conexão entre as formas e os particulares, pois, embora a explicação para esse vínculo utilize a idéia de participação, é um tanto difícil perceber como os particulares podem participar das formas e vice versa.

Platão percebe que, pela mutabilidade ou falta de estabilidade, o mundo físico aparentemente não permite a construção do conhecimento e, para lidar com esse problema, ele propõe uma explicação geométrica – a metáfora da linha dividida. Supõe um segmento AC que será dividido em duas partes, AB e BC. Na qual serão apresentados os modos de ser do Ser de forma hierarquizada e como se dá o conhecimento para cada um, em cada etapa. O primeiro representa o mundo visível e o segundo o mundo inteligível. Novamente se dividem cada um dos segmentos em duas partes, no primeiro tem-se AD e DB, no segundo BE e EC. Assim é que AD é constituído de imagens, sombras, reflexos na água, ou seja, aquilo que pode enganar, e DB constitui-se de objetos representados pelas imagens, ou seja, o mundo dos seres vivos. Já, BE são os objetos matemáticos, estes são objetos da razão discursiva, própria das ciências matemáticas, que partem dos objetos visíveis (triângulo e quadrado), como hipóteses, para chegarem às conclusões. Aproximam-se do supremo método do conhecimento por abstraírem do sensível e aspirarem investigar o que em si próprios são esses objetos matemáticos. EC são as idéias em si mesmas, o Eterno e Universal separado do mundo das coisas, elas não são pensamentos, mas objetos por excelência do pensamento. É dessa maneira que

Platão concebe o conhecimento, como avanço que se tem através dos seguimentos representados, apoiando-se nessas etapas em que a alma pode vaguear.<sup>24</sup>

Coerente com essa formulação e considerando que o interesse do filósofo é a idéia do Bem, ou seja, a totalidade do saber, ele percebeu, naquela fórmula, que o conhecimento humano modela-se segundo diferentes graus do Ser. Assim o Bem daria sustentação a todo o edifício das formas puras e incorpóreas por ser o princípio do conhecimento para o sujeito e da cognoscibilidade para o objeto; por isso é a aspiração última da alma filósofa, porquanto representa chegar ao topo do mundo das Idéias. É fundamental, nessa compreensão, lembrar que Platão acreditava que as Idéias ou essências existiam antes das coisas e que a tendência de todos os desenvolvimentos podia ser explicada como um movimento para afastar-se da perfeição das Idéias e, portanto, como uma descida, como um movimento na direção de decadência.

A Teoria das Formas de Platão introduz a separação entre as coisas sensíveis particulares e as Formas, na qual as primeiras dependem da sua existência e têm um grau de participação nas segundas. A abordagem desse tema pode ser observada, sobretudo, nos diálogos que ocorrem na *República*.<sup>25</sup>

Platão parece estar focando idéias de relação, diferenciando as Formas, que tem caráter particular, estabelecendo a pluralidade das coisas e, ao mesmo tempo, a unidade do universal\*. Ele não vê dificuldades nas coisas serem semelhantes e dessemelhantes ao mesmo tempo, por que todas as coisas sensíveis particulares são semelhantes em relação a algumas e dessemelhantes em relação a outras e,

---

<sup>24</sup> PLATÃO. **A República**. 314 - 317.

<sup>25</sup> Id. 476a e 509d – 511e.

\* De maneira geral a Teoria da Formas de Platão foi criticada por Aristóteles, que procurou demonstrar que a existência de universais implicava uma regressão infinita inaceitável.

portanto, todas as coisas participam igualmente das duas referidas Formas, como mostra a seguinte passagem: “Mas se me demonstrassem que aquele que é um, é ao mesmo tempo múltiplo, e que, a seu turno, aquele que é múltiplo é um, então me assombraria.”<sup>26</sup>

Mas a que Platão se refere com *simplesmente semelhante* ou *semelhante em si*? Para Soares,<sup>27</sup> Platão se refere aqui à participação entre as próprias *formas* ou está mostrando uma contradição semântica:

Mas se mostrar que as coisas, participando de ambas, trazem os dois caracteres, não creio nisso, Zeno, nada que me pareça extraordinário, e, sobretudo, se mostra que o todo é um pela participação ao Um, e que esse mesmo Todo é múltiplo pela sua participação à multiplicidade.<sup>28</sup>

Nessa questão, na relação entre Formas e coisas sensíveis, no caso de duas formas contrárias, sejam essas *semelhança* e *dessemelhança*, seja *unidade* e *multiplicidade*, parece não haver contradição no fato de que uma coisa participe igualmente em outra dessas formas. Platão parece apresentar uma distinção de formas, as que são universalíssimas, como as formas de *semelhança*, *dessemelhança*, *unidade* e *multiplicidade*, que atribuem características às formas de objetos particulares que não contêm em si as mesmas características de abrangências.

Surge, portanto, a necessidade de uma reflexão aprofundada sobre uma das questões importantes do pensamento platônico, que é a relação entre coisas sensíveis particulares, as formas e a linguagem, pois “Efetivamente, estamos habituados a admitir certa idéia em relação a cada grupo de coisas particulares, a

<sup>26</sup> PLATÃO. **Parmênides**. Trad. Mario Ferreira dos Santos. 129b. ????????

<sup>27</sup> SOARES, Márcio. **A ontologia de Platão**: uma abordagem logística. Passo Fundo: UPF, 2001.

<sup>28</sup> PLATÃO. **Parmênides**. Op. cit. 129b.

ação que pomos o mesmo nome.”<sup>29</sup> Assim, dado um nome\*, este vai indicar tanto a forma quanto todos os particulares sensíveis em que ela participa. Por exemplo, a cadeira em si, no mundo das formas, e as cadeiras particulares, no mundo das coisas sensíveis. Platão propõe uma forma para um determinado grupo de coisas sensíveis e, respectivamente, a forma universal nas coisas que compõem o respectivo grupo. O que pode se perceber com essas passagens é que por meio da linguagem, ou seja, o fato de dar nomes é o que dá certa relação às formas.

Parece ser na linguagem que se resolve o problema da pluralidade do mundo sensível, pois por participarem da forma universal é que as coisas particulares sensíveis recebem o seu nome, e nesse aspecto da unidade e da universalidade há pluralidade e há contingência das coisas sensíveis na linguagem, portanto o nome é tão universal quanto à própria forma.

O nome somente representa aquilo que existe realmente, ou seja, as formas. Por exemplo, ao citar-se a palavra *cadeira*, este vocábulo se refere à unicidade e à universalidade e não ao que é oposto, ou seja, não a cada particular sensível, e dessa forma as idéias se tornam conhecidas através da linguagem. No *Sofista* a linguagem é fundamental para a dialética no intuito de compreender o mundo inteligível.<sup>30</sup>

Outro problema que gerou conflito, e merece ser lembrado, foi a possibilidade de as próprias formas participarem-se mutuamente ou o dilema sobre se as formas podem ou não participar entre si mesmas e, se podem, como o fazem. No *Sofista*, a participação pode acontecer entre cinco formas que são designadas como gêneros

---

<sup>29</sup> PLATÃO. **A República**. Op. cit. 596e.

<sup>30</sup> PLATÃO. **Teeteto**: Crátilo. Tradução de Benedito Nunes. 2 v 3ed. Belém:UFPA, 2001. 439b.

supremos: movimento, repouso, outro, mesmo e ser.<sup>31</sup> Assim, as coisas sensíveis particulares podem ter participação em diversas formas universais e estas podem participar entre si. À universalidade das formas, no que diz respeito à participação com coisas sensíveis e com outras formas, Platão propõe uma classificação quanto aos seus graus de abstração. Exemplificando, se considerar os homens sensíveis (particulares), estes participam de um tipo de forma - a de homem -, que por sua vez participa da forma animal, que participa da forma ser vivo, que participa da forma suprema do Ser.

Nesse caminho que segue das formas menos abstratas até as mais abstratas ou no caminho inverso, Platão busca esclarecer as relações de participação entre as formas,<sup>32</sup> porquanto, para ele, a Idéia cumpre uma função de unidade e de identidade. Sem essa função ficaria difícil identificar qualquer coisa, pois tem uma estrutura diferente da mobilidade do sensível, constitui um nó estável de significação, do qual se trata de estabelecer os contornos, o que é tarefa da definição. Existe uma Idéia para cada coisa de que falamos<sup>33</sup>. Sendo essa identidade e essa unicidade das Idéias deveras apontadas no platonismo.

A Teoria das Formas propõe-se formular a concepção da natureza do conhecimento e dos objetos e de como adquirir esses conhecimentos, pois entendia seu criador que ao se adquirir o conhecimento da essência das coisas automaticamente se adquiria virtudes, o que levaria a agir de acordo com a verdade. Em relação a esse fundamento, Platão utiliza a analogia do Sol e do Bem para exemplificar que o primeiro representa a captação do mundo visível e o

---

<sup>31</sup> PLATÃO. **Diálogos**: O Banquete; Fédon; Sofista; Político. 5 ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1991. *Sofista* 249d a 256d.

<sup>32</sup> PLATÃO. Op. cit., 265e-266b.

<sup>33</sup> PLATÃO. **Diálogos**: *Fédon*. Op.cit., 78 d-e.

segundo das coisas inteligíveis.<sup>34</sup> O que significa que quanto mais próximo se estiver do Sol, estar-se-á assim adaptado à luz forte e num grau de excelência de visão – em consequência próximo de o verdadeiro Ser. Por outro lado, quanto mais longe da luz se esteja, ficar-se-á tateando na escuridão, ou seja, próximo do não-ser. Nesse processo Platão, com vigor sem precedentes, institui a metafísica por meio do diálogo (o agir dialógico), sendo que ela tem como foco último o Ser. Mas o que é o Ser? É o que vem primeiro, de forma irreduzível e o que pode ser o guia para uma vida plena.

Platão (no *Parmênides*) também apresenta a relação entre coisas sensíveis e formas:<sup>35</sup>

Não reconheces a existência em si mesma da idéia de semelhança, e a de uma outra, oposta a essa, da dessemelhança em si mesma, e que delas duas eu e tu participamos e todas as coisas a que damos à denominação de múltiplo? E que a esse respeito e na medida em que participam da dessemelhança, e uma outra coisa as que participam dessas idéias contrárias, e pelo próprio fato dessa participação, ficam, no mesmo passo, semelhantes e dessemelhantes a elas mesmas: que há de surpreendente em tudo isso?

Aliás, esclarece que o que é um é um todo e tem partes, sendo que cada uma dessas partes contém ainda o um e o Ser, de sorte que, prosseguindo indefinidamente o raciocínio, mostrar-se-á que o um que é, é uma pluralidade infinita. O Ser da Idéia é o Ser do Dever-Ser, é a realidade do valor, do espírito, não o da natureza que precisa ser reduzido à mera aparência: na verdade, o Ser reduzido a um não-ser. O justo pode permanecer irreal, contanto que a justiça seja real, porquanto a coisa concreta, cujo conceito a Idéia representa, é realmente inexistente neste mundo da experiência humana.

A teoria platônica das Idéias é precisamente o fundamento que torna possível toda a sua metafísica. Segundo Aristóteles<sup>36</sup>, Platão preocupado em achar a

<sup>34</sup> PLATÃO. *A República*. Op.cit. 507c-509c.

<sup>35</sup> PLATÃO. *Parmênides*. Op. cit. 128e-129b.

verdade estável, só encontrou refrigério na distinção fundamental entre o mundo sensível e o inteligível, isto é, a sua Teoria das Formas.

Platão concebia os conceitos gerais da ética, que Sócrates estudara, como um campo distinto do mundo visível do eterno devir, como um mundo de realidades estáveis; e por mais que pareça divergir do pensamento moderno e do seu nominalismo é esta explicação verdadeiramente natural para todos os que estejam familiarizados com as características do pensamento grego.<sup>37</sup>

O que Aristóteles considerava “uma duplicação desnecessária do mundo sensível, pois basta utilizar a natureza abstrata do conceito universal”, as Idéias seriam categorias ontológicas que tornam possível o juízo e, ainda, paradigma de acordo com o qual as coisas sensíveis são produzidas. Sob essa perspectiva a Teoria das Formas está reforçando a questão da primazia do mundo inteligível em relação ao mundo sensível, o que já estava presente na dialética socrática, uma vez que para Sócrates, a dialética era o caminho necessário para o verdadeiro conhecimento.

Platão julgava captar, com a sua teoria das idéias, o sentido e a essência da dialética socrática e tentava formular claramente as suas premissas teóricas. Esta teoria tem implícito um novo conceito de conhecimento, substancialmente diverso da percepção sensorial, e um novo conceito do Ser ou do real, distinto do que tinha os antigos filósofos da natureza<sup>38</sup>. (...) Quando Platão aponta dentro do múltiplo o uno, que o método dialético procura captar como forma ou, dito em grego, como idéia ou *eidos*, apóia-se na terminologia da Medicina do seu tempo, que no aspecto metódico, tantas vezes invoca como modelo.<sup>39</sup>

Ou seja, consiste a dialética, basicamente, numa transposição a uma outra realidade, onde as sensações são preteridas em favor dos raciocínios, onde se capta o inteligível, ao invés do sensível. Platão descreve a essência do processo

---

<sup>36</sup> ARISTÓTELES. **Metafísica**. Op. cit. a6-a32. Apud JAEGER, W. W. **Paidéia: a formação do homem grego**. 4. ed. São paulo: M. Fontes, 2001. p.595.

<sup>37</sup> JAEGER. W. W. **Paidéia: a formação do homem grego**. 4. ed. São Paulo: M. Fontes, 2001. p.614.

<sup>38</sup> Id. p. 615.

<sup>39</sup> Id.



dialético do conhecimento como uma sinopse – a síntese do diverso na unidade da idéia – para ele o verdadeiro dialético é o sinóptico, capaz de abarcar as coisas no conjunto. <sup>40</sup> Para Sócrates e Platão a dialética era o caminho necessário para o verdadeiro conhecimento. Segundo Gadamer “Saber quer dizer sempre: entrar ao mesmo tempo no contrário. Nisso consiste sua superioridade frente ao deixar-se levar pela opinião, que sabe pensar possibilidades. O saber é fundamentalmente dialético”. <sup>41</sup>

Transcorrido esse tempo, continuou, os rapazes seleccionados da classe dos de vinte anos serão distinguidos com maiores honrarias do que os outros, e os conhecimentos que eles adquirirem sem ordem alguma quando meninos serão agora apresentados numa sinopse homogênea, para que possam perceber a correlação existente entre os vários ramos do conhecimento e a natureza do ser. É o único método, observou, que fixa solidamente no espírito os conhecimentos. É o mais indicado, acrescentei, para revelar as naturezas dialéticas: quem for dotado dessa visão conjunta é dialético; os demais não o serão<sup>42</sup>.

---

<sup>40</sup> PLATÃO. **A República**. Op. cit. 537c.

<sup>41</sup> GADAMER, H. G. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p.538.

<sup>42</sup> PLATÃO. **A República**. Op. cit. 537c.

## 2 A EDUCAÇÃO

A glória só tem pleno valor  
quando inata. Quem só tem  
o que aprendeu é um homem obscuro e indeciso,  
jamais caminha com um passo firme.  
Apenas esquadrinha  
com imaturo espírito  
mil coisas altas.  
(Jaeger)

Platão, em *A República*, no livro VII e também no livro III, manifesta o desejo de conhecer como se comporta a natureza do homem de acordo com a Educação que lhe é dispensada. É que a meta educacional platônica foi criar condições para a existência do indivíduo consciente de suas responsabilidades como cidadão participante e atuante em uma comunidade. Dessa forma, o cidadão não desejaria buscar apenas e somente interesses próprios, a prioridade seria a sociedade e o Estado.

Jaeger<sup>43</sup> expõe como marco social na formação grega a *polis*\*. A consciência de sua expressão deu-se primeiro na poesia e foi associada logo a seguir às reflexões que levaram a busca pelo Verdadeiro e pelo Bem, além de ocupar-se em como conciliar a permanência e a efemeridade da própria existência humana. Ele ressalta que, por volta do século VII, a cidade de Esparta destacava-se das outras pela abundância de riquezas em todos os aspectos, materiais e intelectuais, e foi modelo para Platão. Nesse modelo, a figura do filósofo recebe uma posição de

---

<sup>43</sup> JAEGER. Op. cit.

\* É expressiva a importância da leitura de *Poder e Filosofia : a essência da Paidéia Platônica*, de Maria C. dos Santos, para o entendimento da estrutura da *polis* grega.

destaque, pois ele é o único preparado para dirigir a *polis* e superar as eventuais dificuldades que surgirão.

Nesse contexto, Platão destaca que todos os homens desejam a felicidade. Mas o que seria, para Platão, a felicidade? Para ele só existia uma possibilidade de ser feliz: viver a vida virtuosa.<sup>44</sup> Acreditava que o homem pode libertar sua alma da prisão praticando a virtude, ou seja, purificando-se das paixões inferiores, e dessa forma, isto é, contemplando as realidades eternas pode retornar ao mundo ideal.<sup>45</sup> Assim, através do raciocínio o homem aprecia o invisível, fica inserido na essência, naquilo que está fora desse mundo, porquanto a possibilidade de ser feliz está em ser virtuoso, pois declara que “Todo o ouro da terra e debaixo da terra não alcança o valor da virtude”.<sup>46</sup> Nesse ponto deste estudo é importante que se relacione a concepção sobre o valor da virtude com o entendimento de que para Platão uma atitude considerada bela é derivada de uma ação virtuosa, dessa forma a virtude está relacionada com o que é belo e bom na vida.<sup>47</sup> Mas fazendo-se uma digressão até o diálogo de *Protágoras*, convém aqui a pergunta: “Pode a virtude ser ensinada?”<sup>48</sup> Ou seja:

A sabedoria, a temperança, a coragem, a justiça e a santidade, sendo cinco nomes diferentes, aplicam-se a uma coisa só, ou a cada uma em separado corresponde uma essência subjacente, dotada cada uma de propriedade peculiar que se distingue de todo em todo das demais?<sup>49</sup>

Segundo Jaeger<sup>50</sup>, Sócrates busca convencer Protágoras que o conhecimento do melhor tipo de vida implica a não distinção do prazer maior do

<sup>44</sup> PLATÃO. **Diálogos**: Fedro - Protágoras – Filebo – Teetites. Buenos Aires: Agonauta, 1946. (Menón 70 a)

<sup>45</sup> PLATÃO. **Fédon**. Op. cit. 67c.

<sup>46</sup> PLATÃO. **As Leis**: incluindo Epinomis. São Paulo: Edipro, 1999. 728a.

<sup>47</sup> PLATÃO. **Alcebiades**: o de la natureza del hombre. 4.ed. Buenos Aires: Aguillar, 1965. 116bc.

<sup>48</sup> PLATÃO. **Protágoras**. Fortaleza: EUFC, 1986. 320a.

<sup>49</sup> Id. 349 b.

<sup>50</sup> JAEGER. Op. cit. p. 647.

menor, esse pensamento da multidão, ou seja, do senso comum. O bom pode ser considerado uma virtude como um todo e as partes que o compõe podem ser a valentia, a prudência, a piedade, sendo que o saber pode ser considerado a essência dessa virtude.

Platão parece entrelaçar a dialética e a questão do viver numa perspectiva em que o homem questiona o seu viver e também é confrontado de acordo com o seu agir. Para Platão, “Educar implica aprender a perguntar sobre a vida, na vida, e com a vida”.<sup>51</sup> Isso reforça o entendimento de que se pode perceber a existência da dialética \* em toda a obra de Platão, pois seu objetivo era levar o indivíduo a falar e pensar de tal forma que isso fosse possível por meio de uma ação continuada de divisão e aproximação.

O que se observa é que Platão parece valorizar a representação que aparece aos olhos da alma, a observação da unidade e da multiplicidade.<sup>52</sup> Porém, aqui cabe uma reflexão sobre o que isso realmente significa, pois para ele somente o filósofo é dotado de capacidade para apreender a unidade na multiplicidade, uma vez que tem uma percepção do mundo bem mais abrangente, assim “Quem foi dotado dessa visão conjunto é dialético,<sup>53</sup>”, e este que sabe é o filósofo, sendo que o que o distingue é o saber.

No processo em que se dá a dialética\*, tem-se por foco o Bem, o Uno, o Incondicionado, ou seja, a Idéia Suprema que é alcançada pela inteligência que de idéia em idéia abandona o sensível e segue para o inteligível, no entanto a maior

---

<sup>51</sup> TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999. p.46.

\* É necessário que se esteja atento para o fato de que a “dialética” apresenta em Platão dois sentidos fundamentais: o da ascese e o de juntar e separar.

<sup>52</sup> PLATÃO. **Fédon**. Op. cit. 266b.

<sup>53</sup> PLATÃO. **A República**. Op. cit. 537c.

\* A importância e as correlações do pensamento dialético de Platão são destacadas por Marcus Reis Pinheiro em *Conversão Filosófica, Dialética e Educação na República de Platão*.

parte dos homens é inabilitada para transpor a opinião (*doxa*), e, somente o filósofo, por meio da dialética, alcança a Idéia Suprema, porquanto um dos atributos do filósofo é ser dialético.<sup>54</sup>

Platão parece observar que a educação é, especialmente entre indivíduos, um ato confluyente e uma ação continuada, e a Verdade é alcançada por intermédio da oralidade dialética. Esta, “a dialética no seu sentido global, leva à compreensão daquela coisa ‘admirável’, a saber, de como ‘os muitos sejam um e o um sejam muitos’”<sup>55</sup>. Essa compreensão se dá na esfera da inteligência suprema que é portadora do conhecimento perfeito, ou seja, o Bem está na última instância do conhecimento. Platão apresenta como exemplo Tales de Mileto, que acabou caindo num poço, quando estava contemplando as estrelas. Aponta a sua postura como exemplo do filósofo exercendo sua função em conversa confidencial íntima, em concentração absoluta e alheio a tudo o mais<sup>56</sup>.

Compreende-se, nesses fundamentos, que o diálogo vivo é a ponte que une o conhecimento de *alguém* que sabe até *alguém* que não sabe. A característica do diálogo vivo lhe é própria, vem do interior da alma e revela-se ao outro no intuito de fazê-lo superar sua deficiência – a cegueira –, e esse movimento se dá em comunhão, porquanto o método dialético platônico tem por meta educar o coração, especialmente o aspecto de livrar a alma das impurezas do mundo sensível, ou seja, vai além da condição de propiciar ao aprendiz certos instrumentos racionais.<sup>57</sup> Sob essa perspectiva, o fundamental para a educação é direcionar os olhos do aprendiz para a direção da luz, pois ele já enxerga, só que vê o mundo das

---

<sup>54</sup> REALE, M. **História da Filosofia antiga**. São Paulo: Loyola, 1994.p. 164.

<sup>55</sup> Id. p. 166.

<sup>56</sup> PLATÃO. **Teeteto**. Op. cit. 174. a-b.

<sup>57</sup> TEIXEIRA. Op. cit.

sombras. Dessa forma para Platão a educação não tem por atributo introduzir uma visão a quem não enxerga nada, ou seja, “a educação não é o que muitos indevidamente proclamam<sup>58</sup>”.

Sobre esse assunto, Patrizia Bonagura<sup>59</sup> lança luzes quando afirma que “aqui está à descrição emblemática do ato educativo como um *e-ducere*, um tirar para fora aquilo de que está cheia a alma (...)”. Platão aponta com destaque que uma das habilidades do filósofo é ter acesso ao bem em si e ressalta que a educação seria “a arte de fazer essa conversão, de encontrar a maneira mais fácil e eficiente de consegui-la”.<sup>60</sup> Platão incita a persuadir de que de fato há um Bem, um Uno e faz-se imprescindível conhecer esse Bem e somente através dele tem o aprendiz condições de se apropriar do verdadeiro conhecimento, tornando-se, portanto, a meta máxima da educação para ele.<sup>61</sup>

Um aspecto importante que se pode analisar na obra de Platão é a importância do seu mestre (sendo que aqueles que foram denominados mestres foram os que de uma forma significativa influenciaram direta ou indiretamente o pensamento platônico) no conjunto de seu pensamento. Embora tenha ele elaborado um processo renovador de todo um conjunto de pensamentos vigentes naquela época.

Época em que a poesia exercia forte influência sobre os saberes e a cultura, ditando as regras de conduta. Os poetas\* diferenciavam-se dos mestres, principalmente por conceberem um saber *fora de si*, sem compreender aspectos ou a totalidade de seu mundo interior, sem enxergarem a verdadeira luz, não eram

<sup>58</sup> PLATÃO. **A República**. Op. cit. 518c.

<sup>59</sup> BONAGURA, Patrizia. Apud TEIXEIRA. Op.cit. p.53.

<sup>60</sup> PLATÃO. **A República**. Op. cit. 518 d.

<sup>61</sup> Id. 505 a.

\* Sobre os poetas e o conceito de imitação sob a perspectiva de Aristóteles, encontram-se subsídios em *A Tecnologia da Educação* de Hurdakis ( **Aristóteles e a Educação**,2001).

capazes de estruturar sua argumentação de forma consistente sem entrar em contradição. Assim, em sua obra *A República*, Platão tenciona contundentes críticas aos poetas, considerando-os uma influência negativa, pois que a ignorância destes era mascarada em uma aparência de saber.

Há para Platão a necessidade de que o mundo seja consistente, denso, perfeito e infinito para que seja possível se obter a verdade, e a poesia, como obra de criação fantasiosa, não podia ser considerada cópia, mas apenas imitação, percebe-se, nessa concepção, uma distância razoável entre a cópia e a imitação.

Assim, as camas que são copiadas da forma da cama divina pelos artesões humanos são, portanto, cópias das primeiras cópias, ou seja, reprodução deformada de alguma coisa do Ser. Nesse entendimento, Platão parece influenciado por Parmênides, no diálogo que crê obstinadamente que há verdades firmes, que a verdade superava em valor a ficção, o mito ou a poesia.

Percebe-se o esforço que se faz presente constantemente na busca da verdade para moldar com robustez o discurso filosófico, de tal forma a diluir o discurso simplesmente retórico que pretende apenas obter triunfo em qualquer disputa de argumentos. Com Platão o raciocínio constituído pelos conceitos tem preferência às representações proféticas dos mistérios, a lógica vai se estendendo e resguardando o pensamento ateniense, a mitologia muda de posição e é colocado em xeque seu atributo de influenciar. A satisfação encontra-se na razão suprema. O pensamento platônico traz um Dever-Ser, apreciando as condições da multiplicidade segundo um grau superlativo de um modelo ideal. Nesse aspecto de luminosidade, o homem atinge o mais alto grau. Ser soberano, o homem assume sucessivamente uma série de atitudes frente à realidade.

Para Platão, o bom senso só demonstra um espaço intermediário entre um Ser que nunca é por completo e nem deixa de ser por completo. Ele busca algo de permanente, assim, no conjunto das aparências entre Ser e não-ser, procura a essência e na variedade das divisões e multiplicações persegue a unidade e a totalidade.

A filosofia platônica pode ser considerada como o apogeu de uma cultura (*Paidéia*)<sup>62</sup> e, de acordo com Schleiermacher,<sup>63</sup> se entrelaça de múltiplas maneiras com a vida filosófica da época, uma vez que Platão buscava a conservação e estrutura da vida por meio do conhecimento da verdade e esse alvo seria alcançado com a solução do problema da essência do saber; razão pela qual se pode dizer que “É com Sócrates e Platão que pela primeira vez aparece uma forma de filosofia que se lança energeticamente na luta desencadeada pelos sofistas em torno do problema da verdadeira educação e reclama para si o direito de decidi-la.”<sup>64</sup>

A Teoria das Formas é indissociável da Idéia Suprema de Bem; a Idéia Suprema – o Bem – é a gênese da existência dos seres e também a gênese do conhecimento que deles podemos ter. Ou seja, conhecer é avançar progressivamente rumo ao luminoso universo das Idéias.<sup>65</sup>

Toda a obra de Platão, portanto, apesar do rigor dialético e argumentativo até então nunca visto, foi formada pelo propósito educador, pelo espírito grego da *Paidéia*. Assim, não parece estranho tenha ele recorrido, muitas vezes, com intuito

---

<sup>62</sup> JAEGER. Op. cit., p.589 e p.591: “Caracterizada pelo fato de ser uma *Paidéia* que aspira resolver, com a mais vasta ambição, o problema da Educação do Homem. E a posição que ela ocupa na história da *paidéia* helênica é, por sua vez, definida pelo fato de apresentar, como forma suprema da cultura, a filosofia e o conhecimento.”

<sup>63</sup> SCHLEIERMACHER: apud JAEGER. 2001. Op. cit., p.583.

<sup>64</sup> JAEGER. Op. cit., p. 590-591.

<sup>65</sup> Id. p.599, p.844 e p.865.



pedagógico, à elaboração de narrativas para fazer-se compreender, para demonstrar algo que, ao nível do conhecimento meramente sensível, não poderia ser percebido, mas apenas pelo *olho da alma*<sup>66</sup>. Assim o que é possível perceber é que a filosofia platônica é permeada por um profundo nexos com a educação, entendida esta como o conhecimento do Ser Supremo ou, como Jaeger declara, uma luta entre a educação e o poder pela alma do homem tanto quanto seja possível, ou como afirma Jean-Jacques Rousseau a filosofia platônica compreende um momento pedagógico cuja evidência aparece tão mais clara quanto mais se atentar para sua grande influência sobre a educação das épocas posteriores<sup>67</sup>. Todavia, não é por um mero contraste programático com a tese da vontade de poder, como fizera no *Górgias*, que ele assenta a sua tese sobre a educação na sua obra da maior envergadura; é antes por meio de um rodeio que ele expõe os seus postulados educacionais.<sup>68</sup> Assim, embora se descubra na obra de Platão muitos pensamentos fascinantes, é impressionante que nela se fale tanto de educação.

Isso, no entanto, ficou, de alguma forma, relegado a um quase esquecimento que faz parte da perceptível incompreensão do século XIX por esta obra de Platão – *A República*,<sup>69</sup> porquanto a ciência, que então se elevava a uma orgulhosa altura a partir da sabedoria acadêmica do humanismo, expressa no seu desprezo por todo o pedagógico – um desprezo que se considerava elegante -, ser incapaz de compreender a sua própria origem. Assim, embora a educação do homem ainda representasse, na época de Lessing e de Goethe, uma meta suprema, o homem daquele século não sabia enfrentar, ou seja, não conseguia enfocá-la na sua

---

<sup>66</sup> PLATÃO. *A República*. Op. cit. 508d e 519b.

<sup>67</sup> JAEGER. Op. cit., p 753.

<sup>68</sup> Id., p. 757.

<sup>69</sup> Id., p.752.

dimensão antiga e platônica, isto é, como a síntese final de todo o espiritual e como fonte do sentido mais profundo da existência humana.<sup>70</sup>

Mas retornando ao enfoque filosófico/pedagógico dos estudos de Platão, após essa rápida digressão pelo contexto do século XIX e também do XX, no que se refere à compreensão da herança deixada por Platão, é importante lembrar o que se apreende em diversos estudos, ou seja, que todo o interesse do filósofo pelos testemunhos verbais gira em torno do problema de saber se são verdadeiros ou falsos. Da sua verdade depende não só o valor educativo da palavra, mas também o seu valor de conhecimento. É por isso que Platão considera tanto mais paradoxal a tese de que a educação não começa pela *verdade*, mas sim pela *mentira*.<sup>71</sup> Assim por trás de sua crítica aparece o profundo antagonismo de princípios entre a poesia e a filosofia, o que preside a toda a luta platônica sobre a educação. No entanto há que se considerar que em todas as coisas, na educação especialmente, têm grande importância os primórdios, pois a educação parte da fase mais primitiva e maleável da evolução do Homem.<sup>72</sup>

O Estado, na concepção de Platão, é necessário para que possa haver educação; necessário não só como autoridade legislativa, mas também como meio ambiente, como a atmosfera que o indivíduo respira. Segundo a sua teoria, por mais arguta que seja a inteligência, não tem acesso direto ao mundo dos valores, que, em última instância, é o que interessa à filosofia platônica. Filosofia essa que reputa ao conhecimento da norma suprema, que o filósofo abriga na sua alma, o fecho da

---

<sup>70</sup> Id., p.753.

<sup>71</sup> Id. p.768. Onde, inclusive, Jaeger transcreve trecho de *A República* (Platão): “Ambos devem fazer parte da educação, porém em primeiro lugar os mentirosos, não é assim? Não compreendo o que queres dizer. Não compreendes, lhe falei que começamos por contar histórias às crianças? Ora, essas histórias, de modo geral, são mentirosas, porém contém algo verdadeiro” .

<sup>72</sup> Id., p. 767-769.

cúpula do sistema do Estado educacional. <sup>73</sup>Sendo que a educação do caráter é a via que conduz à educação dos olhos da inteligência e que, sem o Homem ter consciência disso, modifica de tal maneira a sua natureza, pela ação das forças espirituais mais vigorosas, ou seja, por meio de um processo que vai lhe aproximando da sua própria essência. Tal raciocínio demonstra uma lógica perfeita: se o que é superior reside primariamente na realidade inteligível, sede e fonte do intelecto, como não poderia culminar nesta Forma Suprema do Bem que, Sol do Universo invisível, cria ao mesmo tempo a inteligibilidade ontológica das outras formas, e, no domínio do intelecto, o pensamento por meio do qual ele atua? Se a Idéia do Bem, por sua inteligibilidade suprema, situa-se para além da existência sensível, é porque a sua potência mesma e sua dignidade transcendem todos os outros seres, sendo compreendida como tudo aquilo que existe de melhor, de mais feliz e de mais excelente no Ser. Mas a grande verdade educacional que A *República* ilustra plasticamente é a estrita correlação entre a forma e o espaço. Não é só de um princípio artístico que se trata, mas sim de uma lei do mundo moral. <sup>74</sup> Platão volta os olhos para a sua obra, de certa distância, e toma posição diante dela, e Sócrates assemelha-se a um pintor que acaba de pintar um quadro maravilhoso: a imagem ideal do homem perfeitamente justo, imagem da sua essência e da sua felicidade. A significação do quadro ressalta ainda com força maior o contraste com o homem perfeitamente injusto e seu infortúnio. O Bem, no entanto, confronta-se, em seu trabalho, com a necessidade, a existência da ordem e da desordem que caracterizam a matéria, levando em conta a sua resistência às ações orientadas

---

<sup>73</sup> Id., p.844, 793-794.

<sup>74</sup> Id. p.837.

para um determinado fim. A compreensão dessa assertiva torna-se mais clara ao interligar-se com o princípio platônico da imitação.

## 2.1 IMITAÇÃO – MIMESIS

Aqui se faz necessária uma explicação, pois a palavra grega *mimesis*<sup>\*</sup>, para Havelock<sup>75</sup>, pode ser considerada uma das mais complexas, no conjunto das palavras do repertório léxico de Platão, em sua crítica à condição poética, a qual parece ser complexa, como se pode examinar na *República*. Nesta, as falas são intercaladas entre os envolvidos como entre os atores e compõem exemplos de *mimesis*, ou seja, da *imitação*, uma vez que, para Platão, tornar-se semelhante a alguém na voz e na aparência é imitar aquele com quem queremos parecer-nos e sobre isso ele se expressa nos diálogos: “Já não observastes que a imitação, quando começada em tenra idade e prolongada por muito tempo, se transforma em hábito e se torna uma segunda natureza, passando para o corpo, para a voz e até para a própria inteligência?”<sup>76</sup> “Por conseguinte, *mimesis* agora [no contexto a que se refere Platão] se torna um termo aplicado à situação de um aprendiz, que absorve e repete lições e, por isso, ‘imita’ aquilo que lhe mandam dominar profundamente”.<sup>77</sup> Pode-se esclarecer melhor essa concepção caso se compreenda que a *mimesis* é como aquelas imagens vistas na escuridão na parede da caverna e que não passam de um teatro de sombras fantasmagóricas.<sup>78</sup> Em relação a isso, pode-se dizer que o aparato poético forma uma espécie de ponto convergente que

---

\* Há profícua fundamentação sobre esse conceito no livro *Platão: O Cosmo, o Homem e a Cidade: um estudo sobre a alma*, de Rachel Gazolla de Andrade.

<sup>75</sup> HAVELOCK, Eric A. **Prefácio a Platão**. Campinas: Papyrus, 1996.

<sup>76</sup> PLATÃO. **A República**. Op. cit. 395d.

<sup>77</sup> HAVELOCK. Op. cit., p. 40.

<sup>78</sup> Id.

produz uma espécie de simulacro que altera a forma da realidade, em sentido oposto às autênticas relações entre as coisas ou as verdadeiras definições das virtudes morais, e, ao mesmo tempo, tira o sujeito do foco principal, pois impõe percepções rasas que o fazem permanecer no mundo dos sentidos<sup>79</sup>.

Platão viveu num período em que a postura da nascente filosofia era de crítica racional ao discurso mítico,\* pois, como destaca Jaeger, "Platão representa uma nova etapa na *paidéia* grega"; desse modo, sendo a sua preocupação primordial dar ao conhecimento, pretendido como verdadeiro, um rigor demonstrativo completamente desconhecido daqueles filósofos que o antecederam, não poderia deixar de manifestar a sua desconfiança perante os poetas – fabricantes de mitos – que colocavam o discurso mítico no âmbito do conhecimento não-verificável, incerto e, além disso, não-argumentativo; uma vez que, do ponto de vista da filosofia platônica, a representação da lealdade e da fraqueza humanas ou dos aparentes defeitos da ordem divina do mundo capta apenas a aparência da realidade, não a sua essência. E em uma aplicação rigorosa do princípio de que cada um deve dominar a fundo a sua profissão, sem se dedicar a nenhuma outra coisa, Platão declara que a tendência e a capacidade de imitação de muitas coisas variadas são incompatíveis com as qualidades de um bom *guardião*,<sup>80</sup> pois a imitação pode ser uma transformação da alma; e, por conseguinte, o passageiro abandono da forma anímica própria e a sua adaptação à essência do que se quer representar, seja isso melhor ou pior. Aliás, esse tipo de imitação que influi no corpo, na voz e no espírito do imitador, e faz com que ele assimile em si o imitado, como uma segunda

---

<sup>79</sup> PLATÃO. **A República**. Op. cit., 598 b.

\* Estudo abrangente sobre o mito e o pensamento platônico é feito por Brisson no artigo *A Prova pela Morte: um estudo sobre o Fédon de Platão*, bastante oportuno para quem queira aprofundar-se no tema.

<sup>80</sup> JAEGER. Op.cit., p.782-783.

natureza<sup>81</sup>, aparece claramente caracterizada por Platão como uma categoria ética; enquanto a imitação de qualquer realidade num sentido artístico é simplesmente indiferente para o caráter daquele que imita. Há uma linguagem do nobre e outra do homem comum, e quando um futuro *guardião* puser-se a imitar, deve ser o primeiro e não o segundo.<sup>82</sup> Vale destacar que a educação dos guardiões, de acordo com um sistema legalmente estabelecido pelo Estado, foi uma inovação revolucionária de alcance histórico incalculável. É a ela que, em última instância, remonta a exigência do Estado moderno sobre a regulamentação autoritária da educação dos cidadãos, defendida principalmente desde o Século das Luzes e a época do absolutismo por todos os Estados, qualquer que fosse a sua forma de governo.<sup>83</sup>

É importante, neste momento do estudo, que se destaque que o conceito platônico da *mimesis* dramática é um conceito *paidêutico* e o da imitação da natureza, pura e simplesmente, um conceito técnico. Nesse ponto, Platão apóia-se diretamente na antiga poesia e rivaliza com ela, tem consciência do incentivo de imitação que irradia das figuras ideais da poesia e sente que o pensamento filosófico, projetado sobre o geral, carece de tal força.<sup>84</sup>

No entanto, acontece que, para Platão, só existe uma possibilidade de alcançar a realidade, e esta é pela via racional, científica e lógica e a *mimesis* segue exatamente o caminho inverso.

Temos, assim, o direito de apanhar o poeta e de confrontá-lo com o pintor; parece-se com este pelo insignificante de suas produções no que respeita à reprodução da verdade e também pelo seu trato freqüente com a outra parte da alma, a de menor valia. Assiste-nos, por conseguinte, inteira razão de não o recebermos na futura cidade de legislação modelar, visto despertar ele, alimentar e fortalecer a parte maldosa da alma e, com isso, arruinar o elemento racional.<sup>85</sup>

---

<sup>81</sup> PLATÃO. **A República**. Op. cit. 395.

<sup>82</sup> JAEGER. Op. cit., p.785.

<sup>83</sup> Id., p.758-767.

<sup>84</sup> Id., p.838.

<sup>85</sup> PLATÃO. **A República**. Op. cit. 605b.

Considerando-se tais aspectos, em relação à doutrina platônica, há a necessidade de um julgamento no sentido de aceitá-la ou não tendo em vista que “o conhecimento absoluto ou a verdadeira ciência, seja qual for o nome que preferirmos lhe dar, é o das Formas e somente delas, e de que a ciência aplicada ou técnica prática depende de que os artefatos sejam cópias das Formas”<sup>86</sup>. Nesse sentido (ainda de acordo com Havelock), é também importante notar que há uma diferença entre a poesia de que fala Platão e a dos dias atuais, constituía-se aquela de todas as características que se atribui hoje, de maneira geral, ao ensino religioso ou à instrução moral e, de outro, aos textos escolares, às histórias e aos manuais, às enciclopédias e às obras de referência, segundo Havelock.

Pode-se observar numa investigação minuciosa dos *diálogos* que a teoria educacional ordena a essência do plano da *República*.<sup>87</sup> Assim, Platão, ao concentrar na poesia todo o peso da sua crítica filosófica, promove uma correlação com a Teoria das Formas, pois o poeta é desprovido de conhecimento e simplesmente fala o que consta em sua poesia, sem ter domínio e clareza, a luz do saber, do que está falando. Sob essa ótica o poeta não domina tecnicamente o que está falando, portanto está inapropriadamente somente a pintar retratos verbais de como são as coisas em diversas circunstâncias oportunas e variadas, e é persuasivo nas situações que se referem às ilusões que ele tem o domínio de conceber por meio de imagens verbais e rítmicas. É dessa maneira que a *imitação*, como uma forma de representação, executa uma concepção compreensível de tudo e de qualquer coisa. Nesse sentido, a recriação de um papel por um excelente ator, de imediato, é vista como um ato de imitação que diante das circunstâncias parece

---

<sup>86</sup>HAVELOCK. Op. cit., p.42.

<sup>87</sup> Id.

promover descrições que produzem reflexos, como em situações descritas pela psicologia de massas.

A poesia parece se encontrar invariavelmente na ilusão, confusão e irracionalidade, pois sua abrangência é privada do conhecimento exato que um artesão, por exemplo, pode empregar em seu ofício, ou como o educador habilidoso que pode utilizar da capacidade de cálculo e mensuração, fazendo com que, desse modo, as ilusões provenientes da experiência sensível passem pela correção do discernimento, por meio do domínio desempenhado pela razão.<sup>88</sup> Nesse entendimento, aparentemente a poesia reproduzia uma doutrinação, não considerando os resultados obtidos e imaginativos, mas representava um acúmulo de conhecimentos úteis, uma espécie de enciclopédia de ética, política, história e tecnologia à que os cidadãos ativos eram submetidos a aprender como o mais alto grau de instrução educacional.<sup>89</sup> Esse cenário era conservado e recebia sustentação do Estado\*, uma vez que, tal tipo de instrução, atendia às circunstâncias que favoreciam a estrutura e o mecanismo social e político para sua atividade eficaz.<sup>90</sup> Nesse contexto, a principal fonte de instruções eram os poetas em geral e, principalmente, Homero, tanto em ética como em habilidades administrativas, e estes de alguma forma gozavam de um prestígio arraigado na sociedade grega.<sup>91</sup>

A poesia que parece ser uma palavra de muitas e variadas formas e no sentido ambíguo da utilização com que, na época, caracterizou-se ilustrava a

---

<sup>88</sup> PLATÃO. **A República**. Op. cit., 602c-603b.

<sup>89</sup> HAVELOCK. Op. cit.

\* É fundamental a leitura de *Aristóteles a difícil simplicidade* (p. 161-171) de Jandin para a compreensão da posição de Aristóteles a respeito do mesmo tema, ou seja, do papel do Estado em relação à educação.

<sup>90</sup> PLATÃO. **A República**. Op. cit., 395c.

<sup>91</sup> Id., 599c.



situação da *caverna*, portanto produzia sombra e, assim, expôs o poeta a uma posição tão inadequada, um alvo tão fácil, que não poderia desenvolver essa missão na altura exigida pelos padrões reclamados por Platão na Academia, pois “Para nós, [isso] constitui, repetimos a hipótese espantosa de que a poesia foi concebida e destinada para ser uma espécie de enciclopédia social”.<sup>92</sup> O que torna claro por que Platão entendia que a poesia, tal como era praticada, constituía-se em uma fonte geradora de ilusões e que entre ela e a verdade existe uma profunda separação, e por meio da dialética ele procura demonstrar minuciosamente essa situação.<sup>93</sup>

Assim, o problema da *mimesis* é apresentado de maneira ambígua ao usá-la para descrever tanto uma atividade de composição que constitui um ato de criação quanto uma atuação por parte de um ator que é um porta-voz ou um recitador. Para Havelock, o problema filosófico que Platão enuncia converte-se exatamente num vício: o cidadão da *polis* e especificamente os guardiões são treinados para *imitar* modelos de comportamentos estabelecidos<sup>94</sup>. E a questão que essa situação introduz é: deverão ser imitadores?<sup>95</sup>

Parece estranho que o problema da *mimesis*, que se caracteriza por uma questão de estilo e de método artístico, possa de alguma forma dizer respeito aos jovens guardiões. Sobre tal fato, o filósofo aponta um vestígio que pode esclarecer essa situação, o problema pode estar na palavra grega *epitedeumata*, que admite várias traduções, a saber: *profissões, atividades, comportamentos ou práticas*, que evidentemente tem um caráter essencial para a vida desses jovens, pois é bem possível que suas metas fossem ser soldados cidadãos. Assim a missão que lhes

---

<sup>92</sup> HAVELOCK. Op. cit.

<sup>93</sup> PLATÃO. **A República**. Op. cit. , 597e.

<sup>94</sup> HAVELOCK. Op. cit., p.40.

<sup>95</sup> PLATÃO. **A República**. Op. cit., 393c.

cabe ao tornarem-se adultos é a de *artífices da liberdade* do Estado.<sup>96</sup> Dessa maneira é possível compreender-se o lançar mão da educação por intermédio de um treinamento para *imitar* os modelos de comportamento instituídos, onde o ofício que se tem por meta é aprendido pela prática e pelo exercício. Para Havelock, Platão traz à memória o princípio social e educacional da divisão e especialização do trabalho<sup>97</sup>, conseqüentemente, o termo *mimesis* naquele momento é aplicado à situação de um aprendiz, que absorve e repete lições e, por isso, *imita* aquilo que lhe mandam dominar profundamente. A questão aqui parece estar focada na área educacional, pois os jovens guardiões parecem estar à mercê de um treinamento que põe em prática uma continuada *imitação* cultivada desde a infância<sup>98</sup>, portanto do guardião-estudante e de sua conduta moral, que depende do tipo de imitações.

É essa a “*mimesis* duas vezes afastada”,<sup>99</sup> à qual Platão, no Livro X, projeta o poeta na dimensão mais alta da sua crítica. Este uso de *mimesis* tem caráter essencial no discurso poético, é ilusionismo.

O modelo (o Ser Vivo Inteligível) - simboliza, em Platão, o Bem, que representa, por excelência, o modelo, o objeto de criação, sendo que o mundo inteligível contém em si as Essências, as Idéias eternas e imutáveis, os deuses não-criados, dos quais o mundo visível é uma cópia, um simulacro. Esse mundo inteligível é um exemplo, um paradigma para o intelecto que o transpõe para o mundo sensível. Platão denomina paradigma a sua obra, pois é simultaneamente imagem e modelo. O paralelo entre a construção ideal socrática e a imagem do ser humano mais belo indica qual é a verdadeira finalidade visada por Platão na

---

<sup>96</sup> HAVELOCK. Op. cit.

<sup>97</sup> PLATÃO. **A República**. Op, cit., 394e.

<sup>98</sup> Id. 395d.

<sup>99</sup> Id. 597e.

*República*. O tema desta não é, em primeiro lugar, o Estado, mas sim o Homem e a sua capacidade para criá-lo.<sup>100</sup> No entanto, a caracterização da imagem socrática como modelo implica também certa relação com o insaciável impulso humano de imitação, pois o conjunto de substratos armazenados no mundo inteligível exercem a função de sistema de apreensões, embora ao mesmo tempo possibilite a existência dos objetos, pelo reconhecimento da Idéia que se tem deles. É, portanto, sobre estes dois conceitos procedentes da Grécia primitiva, o de *paradigma* e de *mimesis* – modelo e imitação –, que toda a *paidéia* se assenta.<sup>101</sup>

Platão parece querer chamar atenção para um vínculo muito próximo da alma humana com o mundo inteligível, bem como para o fato de sua crítica direcionar-se ao abuso dos usos populares e políticos de justificações mitológicas a que os cidadãos gregos se dedicavam nas assembléias. O fato é que não pode ser desconsiderado que a mitologia possuía um significado importante nas crenças mais tradicionais do cidadão ateniense dos séculos V e IV a.C., razão pela qual Hegel atribui a importância de Homero para o homem grego assim como o ar é vital para vida.

## 2. 2 A PROPOSIÇÃO PEDAGÓGICA DA FILOSOFIA DE PLATÃO

As propostas educacionais realizadas por Platão foram extremamente práticas e realistas, muitas foram utilizadas posteriormente, por exemplo, ciência e filosofia eram estudadas em escolas onde havia um vínculo muito forte entre professores e alunos. Outro fator importante foi a concepção de que o ensino não é

---

<sup>100</sup> JAEGER. Op. cit., p.836.

<sup>101</sup> Id.,p.837.

um processo de transmitir informação, pelo menos não totalmente, pois essa não seria a principal atribuição do professor. Esse paradigma pode ser considerado, atualmente, uma verdade, sem que haja muito questionamento, porém naquela época foi sem dúvida uma demonstração do grande vigor do projeto pedagógico platônico, no qual a principal atribuição do professor seria a de orientar, de levar o aluno a descobertas próprias, essa era a uma genuína educação proposta por sua filosofia. Teoria esta baseada no processo de recordar, que é o que se observa na prática da terapia da psicanálise, a qual se alicerça precisamente nessa noção do novo despertar de memórias do passado. É importante observar que esse aspecto educacional deixou a sua marca na linguagem falada (comum), independentemente da aprendizagem ou da filosofia, de tal forma que “Num sentido mais amplo, educação para Sócrates é terapia da alma”.<sup>102</sup>

Assim, tendo como base esses fundamentos até aqui discutidos, observou-se que a prática exercida nas escolas gregas, como, por exemplo, a jônica e também a pitagórica, era a do professor orientar os alunos para aprenderem a pensar por si. Nessa concepção do processo educacional, Sócrates e Platão opuseram-se aos Sofistas, pois consideravam que estes não se utilizavam de ensinamentos profundos e eram meramente fornecedores de conhecimento. Dito de outra forma os alunos recebiam dos sofistas um grande acúmulo de informações que não tinham base e muito menos reflexão, e os discípulos eram apenas instruídos a darem as respostas convenientes.

Além disso, também a escola socrática de Megara foi fonte de uma forte oposição de idéias, por que desenvolvera um modo parcial e destrutivo de declínio

---

<sup>102</sup> RUSSEL. Bertrand. **História do pensamento ocidental**: a aventura dos pré-socráticos a Wittgenstein. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

lógico eleático. Talvez se possa até dizer que a dificuldade a ser resolvida foi estabelecer o que era um sofista e fazer sobressair o filósofo. Os sofistas de Megara, negociantes de paradoxos, opuseram-se, ou seja, apresentaram resistência ao caminho de Platão, no entanto ele próprio se põe em ação e demonstra uma percepção mais correta dos problemas e oferece uma solução ao problema do erro.

Diante de tal proposição, o que se desejava era adquirir uma compreensão plena de um modo de viver onde o ponto de convergência fosse o saber e o discernimento, e a ignorância podia atentar como um obstáculo à liberdade para esse caminho que é um processo que leva ao conhecimento e, portanto, ao Bem.

Protágoras pregava que o homem é a medida de todas as coisas, o que em certa medida equivale à idéia de que o conhecimento é percepção sensorial. No entanto na busca de uma definição pelo lado da alma, que apreende as características inerentes a um ser como identidade, diferença, existência e número, não sendo possível definir conhecimento simplesmente como percepção sensorial.

“A definição final tenta resolver isto: o conhecimento é o juízo verdadeiro sustentando pela argumentação. Na ausência de argumentação, não há conhecimento”.<sup>103</sup> Por conseguinte a dialética tem por objetivo estudar quais dessas formas ou *espécies superiores* combinam ou não, pois cada um é idêntico a si mesmo e diferente de todos os demais, por exemplo, movimento e repouso, não combinam entre si, mas cada um combina com o ser, cada um é, ou seja, o movimento é igual a si mesmo, mas diferente do repouso<sup>104</sup>.

A teoria das formas é o ponto de partida do que mais tarde desenvolveu-se a teoria das categorias. As *formas*, ou espécies, como movimento, repouso e ser, são

---

<sup>103</sup> Id.

<sup>104</sup> Id.

os predicados gerais mencionados no *Teeteto*. A igualdade ou identidade, e diversidade ou diferença, assim como o Ser, são todos universais. Pode-se afirmar que o movimento é e não é dessa forma, o que significa o não-ser, pois é movimento, mas não é repouso, o que pode se entender que o não-ser está no mesmo nível do Ser.

Conduzindo a reflexão para a contemporaneidade,

Pode-se afirmar que uma instituição acadêmica cumpre a sua função própria à medida que inculca hábitos mentais independentes e um espírito de investigação isento das tendências e dos preconceitos do momento.<sup>105</sup>

Pois a produção genuína de aprendizagem é dada pela interação entre aluno e professor e deve ser tratada com bastante atenção numa instituição educacional<sup>106</sup>. A função da transmissão cultural apresenta pontos de tensão, mas sem dúvida a observação desse processo é de suma importância para esclarecer as regras do jogo na educação<sup>107</sup>. Para o entendimento dessa situação é notável a contribuição de Gustavo Bernardo<sup>108</sup>, que, em sua análise crítica, considera que na escola os alunos subscrevem percepções estreitas da realidade, inadequadas para resolver problemas do nosso tempo, com bases em enfoques fragmentados, gerados por modelos culturais e conceituais obsoletos e irrelevantes, pois em vez de processos dinâmicos para a construção do conhecimento, continua-se exigindo dos alunos a memorização, a repetição, a cópia, a ênfase no conteúdo, resultado ou produto, recompensando o seu conformismo, sua boa conduta, punindo *erros* e suas tentativas de liberdade de expressão.

---

<sup>105</sup> Id., p. 89.

<sup>106</sup> Id., p. 89.

<sup>107</sup> "... a função de transmissão cultural da escola são, ao mesmo tempo, as mais confusas e as mais cruciais. Ocorre que elas dizem respeito ao próprio conteúdo do processo pedagógico e interpelam os professores no mais profundo de sua identidade". FORQUIN. Jean Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artmed, 1993

<sup>108</sup> BERNARDO, Gustavo. **Educação pelo argumento**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Platão ensina que o ser humano está inserido num dilema que envolve duas capacidades: percepção e razão. Enquanto o corpo flui nos sentidos, a alma é imortal por ser racional. Enquanto a maioria das pessoas procura a realização no mundo dos sentidos, não consegue ver que este mundo é composto apenas de imagens, reflexos, cópias de formas eternas. Talvez seja por isso que, em certa medida, as pessoas permaneçam satisfeitas com a vida que levam, acreditando, como no mito da caverna, que as sombras que vêem são a realidade que existe. De certa forma, pode-se afirmar que, neste contexto, a alegoria da caverna ajuda a compreensão do que seja e como operam modelo e cópia.

“A caverna corresponde ao mundo do visível e o Sol é o fogo, cuja luz se projeta dentro dela. A ascensão para o alto e a contemplação do mundo superior é o símbolo do caminho da alma em direção ao mundo inteligível”<sup>109</sup>. A idéia é resplandência e visibilidade, logo a orientação para a Idéia determina a essência da percepção e em seguida a essência da razão.

Percebe-se que a alegoria platônica da caverna não trata, como pode parecer à primeira vista, da verdade e sim da educação – a *paidéia*.<sup>110</sup> Ela mostra como o homem deve galgar diferentes degraus numa ascensão, se pretende ter acesso à região descoberta da luz. Precisa para isso romper os laços de sua prisão habitual – a caverna –, portanto, ele é obrigado a se adaptar às diversas etapas, a fixar numa atitude a orientação geral de sua aspiração e desenvolver essa atitude num comportamento firme.

A resignada frase de Hegel, dizendo que a coruja de Minerva só levanta vôo ao entardecer, contém sem dúvida certa verdade e a consciência dela estende a sua

---

<sup>109</sup>Id., p.885.

<sup>110</sup> Id., p.887.

sombra trágica sobre o esforço heróico que o espírito humano dispõe-se a realizar à última hora, com a tentativa platônica de salvação do Estado. Só ele (o espírito humano) possui um conhecimento e um saber, no verdadeiro sentido dessas palavras, por meio da variedade e individualidade dos fenômenos, vê a imagem fundamental, universal e imutável, das coisas: a *Idéia*.<sup>111</sup>

Pode-se dizer, recorrendo-se aos estudos de Canto-Sperber<sup>112</sup>, que Platão entende como sabedoria a postura adotada para compreender realidades inteligíveis, por exemplo, o pensamento que toma por base de sua prática os movimentos ordenados da alma no mundo, ou seja, sua racionalidade.

---

<sup>111</sup> Id., p. 841-842.

<sup>112</sup> CANTO-SPERBER, Monique. **Dicionário de Ética e Filosofia Moral**. Editora Unisinos, 2003. p.344.



### 3 O MODELO DA DIALÉTICA DE PLATÃO E A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

*Era [Sócrates] o grande conhecedor de homens, cujas perguntas certas serviam de pedra de toque para descobrir todos os talentos e todas as forças latentes, e a quem iam pedir conselho, para a educação dos filhos, os cidadãos mais respeitados.*  
(Jaeger)

Pode-se identificar, em diversos pontos do pensamento de Platão, uma questão central para pensar o modelo como influência na educação\*. Sendo a concepção de modelo muitas vezes subjacente ao modo de formular as relações entre os atores da educação, ela é um aspecto importante nessa construção filosófica. Além disso, pretendia-se colocar conhecimentos adquiridos na contemplação do modelo como força formativa a serviço da educação, e moldar por meio deles verdadeiros homens, como, no feliz exemplo de Jaeger,<sup>113</sup> ao dizer que tanto o oleiro que modela a sua argila quanto o escultor ao esculpir suas pedras são exemplos de uma ousada e criadora idéia, e que só podia amadurecer no espírito de um povo artista e pensador, ou seja, o povo grego.

O modelo do filósofo é a medida suprema, o Bem, entendido como princípio absoluto, para Teixeira<sup>114</sup>. Segundo ele, Platão foi o filósofo que mais conseguiu assemelhar-se a tal propósito( o de modelo), pois seu objetivo era a construção de uma *polis* justa. O filósofo era um devoto de sua comunidade e estava imbuído de um grande espírito comunitário de solidariedade. A prova disso é o retorno à caverna para libertar os que lá estavam (na alegoria da caverna), pois sabia que sozinho não é possível nada realizar.

---

\* A leitura da obra de Scolnicov, *Platão e o Problema Educacional*, oferece elementos importantes sobre o "problema educacional" e a tratativa de Platão a esse respeito.

<sup>113</sup> JAEGER. Op. cit.

<sup>114</sup> TEIXEIRA. Op. cit.

No ocidente, quando se pensa em educação, tem-se um vínculo muito forte com a *paidéia* grega. A *paidéia* significava não só a formação e a transmissão de valores e conhecimentos, mas o conjunto da própria cultura, em que esses valores foram elaborados e recriados de geração em geração. A esse respeito pode-se dizer que

Uma educação consciente pode até mudar a natureza física do Homem e suas qualidades, elevando-lhes a capacidade a um nível superior. Mas o espírito humano conduz progressivamente à descoberta de si próprio e cria, pelo conhecimento do mundo exterior e interior, formas melhores de existência humana. A natureza de Homem, na sua dupla estrutura corpórea e espiritual, cria condições especiais para a manutenção e transmissão da sua forma particular e exige organizações físicas e espirituais, ao conjunto das quais damos o nome de educação.<sup>115</sup>

Nesse contexto, Platão optou pela escrita como a interrogação pública, o conteúdo de sua escrita não se prende à fidelidade ao registro literal, porém propõe mudança qualitativa no intuito de gerar reações proporcionais à reflexão e de abrir sulcos com a memória, pois não tem apego à observância rigorosa fundada em documento, uma vez que muito mais relevante para ele do que memorizar textos é compreender a essência do socratismo: o ato de examinar minuciosamente com atitude crítica todas as questões. Entendia, em contrapartida, que os seguidores da tradição poética eram acríticos, bloqueavam ou impediam as soluções originais, amarravam o discurso aos valores transmitidos por hereditariedade, além de interditar o exame profundo e minucioso – tendente à substituição de modelos anteriores – e, portanto, a poesia havia se tornado maléfica no sentido de ser insistentemente repetida e autoritariamente imposta.<sup>116</sup> Como afirma Schüller,<sup>117</sup>

A sentença cai sobre textos poéticos memorizados, declamados e premiados nos concursos, na prática lamentavelmente transferida para o monólogo filosófico

---

<sup>115</sup> JAEGER. Op. cit. p.3

<sup>116</sup> HAVELOCK. Op. cit.

<sup>117</sup> SCHÜLER, Donald. **Eros**: dialética e retórica. São Paulo: Edusp, 1992. p.21.

construído com regularidade rítmica, com palavras sonoras, com passagens emocionantes, artifício de sofistas. Textos que sufocaram a reflexão na emoção, textos para seduzir incauto estagnam a penosa procura da verdade. Platão revoluciona a exposição filosófica, trazendo para a coluna escrita a agilidade da investigação oral, dirigindo golpes simultâneos contra a subordinação da inteligência à memória e contra o engodo da retórica, ornamentada com frases de enfeito.

O discurso platônico propõe-se distinguir as imagens que refletem no fundo da caverna – a visibilidade ao sol do meio-dia –, em contraposição, o discurso das Musas apresenta significados que se sabe por antecipação, porquanto o discurso sofístico reproduz (como simples estrutura externa) significante sem significado. A idéia do pensador inclui as sombras no discurso, não para se fundar nelas, mas para ultrapassar, cercado pelas sombras, porém com autoridade sobre elas, pois a atração da noite não altera o seu pensamento, uma vez que o filósofo tem seu objetivo exatamente delimitado e seu esforço ininterrupto na direção de seu alvo.

O texto platônico pode ser comparado a um tecido com vários fios que se entrelaçam e a verdade está em todos, o que importa é criar condições propícias para tirá-la (a verdade) das cavernas escuras em que se encontra. Assim é que a memória ocupa-se intensamente do que sempre foi e o discurso edifica o novo. Platão, portanto, concebia a existência de uma distinção entre o trabalho da memória e do discurso (*logos*).

O pensamento de Platão tem a necessária fundamentação dialética no diálogo e fornece apoio argumentativo em favor de um projeto ético-político dotado de capacidade de retomar o exame da relação entre o espaço social-público e o individual, sem desprezar um em favor de outro. Isso expressa o posicionamento do filósofo contra a concepção sofista da linguagem enquanto “principal instrumento do poder político” e empresta particular importância ao princípio por ele defendido de

que a estrutura interna do pensamento é ela mesma, dialógica<sup>118</sup>. Assim, à relação intersubjetiva do pensamento que se caracteriza como apoio da dialética\*, Platão busca ter êxito ao identificar o espaço necessário da postura ética na política, por conseguinte o diálogo, cujo êxito requer sempre as estruturas intersubjetivas, deveria ser levado em conta na concepção ou na compreensão das instâncias dos fundamentos da razão política. É provável que essa seja a razão que serve como um argumento para ter concebido a consciência de que a própria estrutura interna do pensamento é dialógica.<sup>119</sup> Como se pode observar em duas passagens do *Teeteto* e do *Sofista*, respectivamente:

“Sócrates: Para mim, o pensar é uma espécie de discurso que desenvolve a alma em si mesma a respeito das coisas que examina.”<sup>120</sup>

“Estrangeiro: o pensamento e o discurso [ou razão] são, pois, a mesma coisa excetuado o haver dado este nome de pensamento ao diálogo interior e silencioso da alma consigo mesma.”<sup>121</sup>

Para Vaz, diante disso, o “diálogo” sistemático é alicerçado no logos<sup>122</sup>, e é um processo que gera a dialética, com potencial de “(...) curar a alma da ignorância.”

<sup>123</sup> Pode-se interpretar as passagens acima como um processo de reciprocidade entre pares que constitui uma parte importante para a *paidéia*, que tem como

<sup>118</sup> SARDI, Sérgio Augusto. **Diálogo e dialética em Platão**. Porto Alegre: EdipucRS, 1995. p. 10

\* Sobre dialética, Marrou faz colocação bastante elucidativa em seu artigo *Educação e Retórica* (In: FINLEY, M. I. **O legado da Grécia**: uma nova avaliação, 1998).

<sup>119</sup> SARDI. Op. cit.

<sup>120</sup> PLATÃO. **Teeteto**. Op. cit., 189e-190a .

<sup>121</sup> PLATÃO. **Sofista**. Op. cit., 263e.

<sup>122</sup> VAZ, Henrique C. de Lima. **Ontologia e História**. São Paulo: Duas Cidades, 1968. p. 46: “O logos é a transcrição racional das Idéias, a sua unidade é sempre, para Platão, uma unidade sintética. O logos é proposição, é a relação mesma dos termos da proposição, que exprime a estrutura real do *eidos*. O dialético, portanto, será aquele que, no desdobramento proposicional do logos (*dialégesthai*) que é, por excelência, o diálogo metodicamente conduzido, for capaz de divisar os nexos reais de inclusão, exclusão e dependência, que fazem do mundo das Idéias um mundo ordenado.”

<sup>123</sup> PLATÃO. **Timeu**: Crítias; O Segundo Alcibiades; Hípias Menor. Tradução de Benedito Nunes. 3 ed. 2001. *Hípias Menor*, 372b.

qualidade necessária a imanência da razão que se dá na relação do diálogo com o outro.

... como tenho razão de dizer que sou tenaz quando me ponho a interrogar os sábios? Pode bem dar-se que seja esse o meu único merecimento; de tudo o mais sou muito porcamente dotado, pois sempre me escapa o sentido íntimo das coisas, continuando eu sem saber nada. A melhor prova disso está no fato de, sempre que me ponho a conversar com alguma pessoa de reconhecimento e de cuja sabedoria os helenos dão testemunhos, torna-se manifesto que eu nada sei.<sup>124</sup>

Fez-se, nesse contexto, necessária a junção que fizesse o vínculo entre o pensamento e um conjunto de princípios que fosse incontestável, bem como preferir a subjetividade. Tem-se dessa forma a concepção da *anámnese*, ou seja, o que acontece é que a alma experimentou um convívio antecipado com as Idéias, o que permite subentender certa participação da alma nas Idéias.<sup>125</sup> Assim, parece ser por conta da contradição entre o dizer e o agir que o filósofo realmente atingiu o seu objetivo, que é ser posta em vigor a prova da existência da contradição, instaurando-se, dessa maneira o vínculo entre discurso e Idéia, o que destacou a condição da dialética mostrar-se abarcante e pragmática, uma vez que

Em primeiro lugar, como disse Pródico, é preciso aprender o exato emprego das palavras (...) Todo ser humano parece que pretende alcançar um alvo. (...) Esse alvo pode ser visto como a realização da felicidade (...), considerando a dimensão pragmática do discurso, é compatível ao dialético ter a capacidade de aplicá-la (...).<sup>126</sup>

Diante dessas circunstâncias, Platão insere a questão das Idéias por meio da determinação dos gêneros supremos, da identidade e diferença\*: "(...) como é possível que uma coisa, se vai acompanhada de outra, seja ela outra e distinta? (...) o distinto não é, evidentemente, o idêntico."<sup>127</sup> Ocorre que na competência das Idéias, não há contradição, e é prerrogativa que habilita expor a contradição ao "nível da relação entre o pensamento e o discurso e ao nível da relação entre o discurso e a ação, isto é o erro",<sup>128</sup> portanto, a comprovação das Idéias terá como

<sup>124</sup> PLATÃO. *Hípias Menor*. Op. cit., 372.

<sup>125</sup> SARDI. Op. cit.

<sup>126</sup> PLATÃO. **Diálogos**: Eutífron ou da religiosidade; Apologia de Sócrates; Críton ou do dever; Fédon ou da Alma. São Paulo: Nova Cultural, 2000. *Eutífron ou da religiosidade* 277d ; 278c; 290e; 290a .

\* As duas falas que são citadas sobre tal questão, "identidade" e "diferença", referem-se a fases distintas do pensamento platônico: *Eutífron* é da fase da juventude e o *Sofista* da fase da velhice.

<sup>127</sup> PLATÃO. **Eutífron**. Op. cit. 300d; 300e.

<sup>128</sup> SARDI. Op. cit.

alicerce o ontológico. Portanto essa questão abarca a capacidade do discurso em relação ao pensamento, ao sensível e às Idéias,

Posto que (...) no discurso, distinguimos o pensamento, que é diálogo da alma consigo mesma, e opinião, que é a conclusão do pensamento, e este estado de espírito que designamos, por imaginação, que é a combinação da sensação e opinião, é inevitável que, pelo seu parentesco com o discurso algumas delas sejam, algumas vezes, falsas. (...) Assim, o conjunto formado de verbos e nomes, que enuncia, a teu respeito, o outro como sendo o mesmo, e o que não é como sendo, eis, exatamente, ao que parece, a espécie de conjunto que constitui, real e verdadeiramente, um discurso falso (...) Pensamento e discurso são, pois, a mesma coisa, salvo que é ao diálogo interior e silencioso da alma consigo mesma, que chamamos pensamento (...).<sup>129</sup>

É, pois, pela compreensão da Idéia que se pode compreender o mundo do devir, e ela lhe serve de fundamento. Enfoque no qual a dialética justifica-se como um método de educar, e ocorre também uma análise da estrutura hierárquica das Formas e suas relações mútuas. Pode-se perceber um vínculo entre o movimento e o repouso, entre a unidade e a multiplicidade, entre o mesmo e o outro, o que permite que de certa maneira tenha-se uma edificação na participação das Formas entre si. Assim, verifica-se, no *Sofista*, que o discurso pode apresentar a seguinte característica, “(...) ele diz, pois, coisas que são, mas outras que aquelas que são a seu respeito; pois, como dissemos, ao redor de cada realidade há, de certo modo, muitos seres e muitos não-seres<sup>130</sup>”. Assim, a dialética como método, por ter a pretensão de eliminar a diferença entre o discurso e o real, carregará consigo uma concepção sistemática do real que sente a necessidade de demonstrar os princípios fundamentais que possibilitarão a construção de um conhecimento verdadeiro.<sup>131</sup>

Faz-se necessário, ainda segundo esse autor, uma orientação que conduza às Idéias, à Verdade, a qual tenha a sensação como condição, mas não como causa. Essa orientação revela, no entanto, que, se há uma ruptura no mesmo, do

<sup>129</sup> PLATÃO. *Sofista*. Op. cit., 264 b; 264d; 263e.

<sup>130</sup> PLATÃO. *Sofista*. Op. cit. 263b.

<sup>131</sup> SARDI. Op. cit.

ponto de vista epistemológico, não o há do ponto de vista ontológico, como nos mostra a imagem da linha, na *República*, em que os dois mundos formam uma realidade única, e um conduz ao outro.

### 3.1 A FORMAÇÃO DO CONCEITO DE MODELO DA PAIDÉIA GREGA.

Platão criticou o que seria um sentido de herói (modelo) comumente pensado, e este sentido se aproximaria somente do filósofo. Esta seria a concepção *normalizada*, porém afirmou que o conceito de modelo da maneira que era empregado pela educação, ou seja, mera imitação sem reflexão, é que se torna negativo.

Todos esses discursos, meu caro Sócrates (continuou) em tantas variações, acerca da justiça e da maldade, e da estima em que são tidas pelos homens e pelos deuses, que impressão, imaginamos [que] possam deixar na alma dos jovens que os escutam? Refiro-me aos bem-dotados e capazes, por assim dizer, de apanhar, do que ouvem, de passagem e como num vôo, a conclusão de como devem ser e qual o caminho a percorrer para atravessarem a vida do melhor modo possível.<sup>132</sup>

O que a princípio poderia não estar claro, parece demonstrar uma grande preocupação com os jovens a respeito da influência que estava inserida no conceito de modelo. Porquanto *os ideais da cultura grega*, para retomar o subtítulo da célebre *Paidéia* \* de Werner Jaeger<sup>133</sup>, eram enunciados na epopéia, na poesia religiosa, na lírica, no teatro, nas sentenças dos sábios, sob forma de normas, valores, paradigmas de conduta. Sócrates, embora seja o antecessor de Platão, também utilizava, em sua argumentação, as imagens demiúrgicas e paradigmas transcendentais que se pode dizer que são expedientes retóricos, no entanto, nesse

<sup>132</sup> PLATÃO. *República*. Op. cit., 365a.

\* Esses ideais são descritos na obra de Finley: *O Legado da Grécia: uma nova avaliação*, mais especificamente na página 212.

<sup>133</sup> JAEGER. Op. cit.

contexto, há de se ter cautela, uma vez que para aquele filósofo ( Sócrates) o essencial estava no *conhece a ti mesmo, procura em ti mesmo a regra de tua conduta*.

Assim, há de se questionar, também hoje, o dilema em que se encontravam os jovens aprendizes, naquela época, e a questão que deveriam resolver em relação a que ou a quem ter como modelo para seguir. Seriam os deuses da época o modelo? É essa interrogação que encontramos na *República*. “Como escalar o muro intransponível: pelo direito ou por caminhos tortos [?]”<sup>134</sup>.

Esse mesmo dilema continua a ecoar na atualidade, dentro do contexto presente. E neste percebe-se uma questão fundamental: existe algum meio de subtrair o pensamento ao modelo do educador? Esse modo de colocar o problema adquire sentido porque o educador reflete sua imagem de tal forma no próprio pensamento do educando que este parece já não mais poder pensar sem o modelo, dessa forma domina o único que poderia questionar sua legitimidade e autoridade.

Para Platão, vivemos em sociedade como conseqüência da necessidade de suprir nossas faltas. Assim é que se compreende que é preciso observar a conduta, pois essa influencia os da mesma linhagem: “Passando dessa maneira a existência, em paz e com saúde, chegarão à velhice, como é de esperar, e transmitirão o mesmo modo de vida aos seus descendentes.”<sup>135</sup>

Percebe-se o vigor da filosofia grega, que aponta para um conjunto de critérios e valores importantes para a Educação do Homem. O alcance dessas idéias como própria essência do real, de acordo com a concepção de Platão, revela-se na medida em que, pelo processo dialético, a mente afasta-se do mundo concreto, por

---

<sup>134</sup> PLATÃO. *A República*. 365b.

<sup>135</sup> Id. 372d.



meio de sucessivos graus de abstração, até chegar à contemplação das Idéias. E assim se expressa o filósofo: “Cumpriu-se então completamente o nosso sonho, aquilo que nós suspeitávamos que logo que começássemos a fundar a cidade, podíamos, com o auxílio de algum Deus, ir dar a qualquer princípio e modelo de justiça.”<sup>136</sup>

Nessas reflexões sobre o modelo, a imitação e a educação, uma questão que se evidencia no discurso de Platão é o seu questionamento sobre o “Ser de opinião que um homem é melhor, e outro pior. Ou achas que são todos iguais?” “Na cidade por nós fundada, quais foram os indivíduos que deram melhor prova na função de guardas; os que receberam a educação por nós descrita ou sapateiros que foram criados para ser sapateiros?”<sup>137</sup>

Observa-se que há, no discurso em questão, uma distinção entre as coisas visíveis, o que corresponde a uma distinção na sua apreensão, pois Sócrates observa que a imagem está para o modelo como um objeto de opinião está para um objeto de conhecimento. Essa analogia, deliberadamente desejada por Platão, tem por finalidade estabelecer a identidade entre objetos, pois nos dois segmentos, os objetos são os mesmos, mas considerados, como modelos e como imagens. Assim, por exemplo, o conhecimento relativamente obscuro da matemática se deve ao fato de o matemático ter de apreender a Idéia em algo que é distinto dela, mas que dela recebe seu ser e sua significação.

A conclusão sobre qual modelo escolher, porém, não é simplista, com a condenação da imitação e o louvor da narrativa simples, a eleita, na verdade, é a

---

<sup>136</sup> Id. 443b.

<sup>137</sup> Id. 456d.

imitação (certamente por sua maior eficácia) – mas não qualquer imitação. Ao fim da discussão, isso é posto de modo claro:

Nessas condições, se viesse à nossa cidade algum indivíduo dotado da habilidade de assumir várias formas e de imitar todas as coisas (...), mas lhe diríamos que em nossa cidade não há ninguém como ele nem é conveniente haver, depois de ungir-lhe a cabeça com mirra e de adorná-lo com fitas de lá, o poríamos no rumo de qualquer outra cidade. Para nosso uso, teremos de recorrer a um poeta contador de histórias mais austero e menos divertido, que corresponda aos nossos desígnios, só imite o estilo moderado e se restrinja na sua exposição a copiar os modelos que desde o início estabelecemos por lei, quando nos dispusemos a educar nossos soldados.<sup>138</sup>

Nessa passagem, parece que o poeta, no desempenho por imitação diante da polis, deve ter habilidades adequadas ao público. Isso decorre do que já fora anteriormente exposto no diálogo, ou seja, de que a imitação deve ser virtuosa.<sup>139</sup> O que parece ressaltar o propósito que percorre a obra e serve para contrapor, no *Livro V*, com o filósofo (amigo do saber) em concordância com a proposta por Sócrates, no sentido de estar em conformidade com a idéia da *virtude* e da *unidade*. Na *República* Platão volta enfatizar que: "A principiar em Homero, todos os poetas são imitadores da imagem da virtude".<sup>140</sup> E percebe-se certa relação com a alegoria da linha, no *Livro VI*. Nela, o segmento inferior do mundo visível é composto pelas sombras e reflexos que estão para seus modelos, assim como a opinião está para o saber. Essa acepção do termo, por sua vez, estaria diretamente ligada à noção de que a *mimesis*, num sentido mais abrangente, é a cópia da cópia e, portanto, está longe da verdade. A conexão torna-se mais estreita quando se percebe que Sócrates afirma que os poetas, em suas obras, representam reflexos e não seres reais.

Jaeger<sup>141</sup> refere-se ao fato de que,

---

<sup>138</sup> Id. 398a.

<sup>139</sup> Id.

<sup>140</sup> Id. 510a; 510b; 599a.

<sup>141</sup> JAEGER. Op. cit. p.500.

Em contrapartida, é através do seu influxo sobre terceiros que a personalidade humana de Sócrates se manifesta. O seu órgão era a palavra. Por si mesmo, nunca plasmou por escrito esta palavra oral, o que denota o quanto era importante e fundamental para ele a relação da palavra com o ser vivo a quem, naquele dado momento, se dirigia.

Assim, apesar de o indivíduo ter sido sempre considerado o elemento ativo do sistema social, sua maneira de agir, pensar e sentir dava a impressão de ser exterior a ele, imposta de forma coercitiva pelas instituições sociais ou pela sociedade de que fazia parte, uma vez que, neste caso, o indivíduo é esmagado pelo peso de instituições que parecem imutáveis e estereotipadas. No contexto atual, as práticas docentes são questionadas em função das normas e valores que veiculam, das representações, atitudes e comportamentos que revelam, das múltiplas redes de comunicação que estabelecem. Com efeito, trata-se de apreender as incidências dessas práticas sobre o processo de escolarização, tal como ele se efetua no âmago da instituição escolar, ao mesmo tempo em que são explicitadas as diferenças de interação que resultam em tensão na relação aprendiz e mestre.

É com o objetivo de analisar esses elementos que fazem da relação mestre-discípulo\* um momento fundamental da reflexão filosófica dos gregos, e na qual Platão buscou seu modelo educativo, que se procura um esclarecimento pedagógico da relação mestre-discípulo. Pode-se dizer que o modelo que se estabeleceu na *Paidéia* foi o da busca, da reflexão para encontrar a si mesmo, e não simplesmente copiar as formas dos que se tornaram modelos (os mestres, os filósofos, os deuses), uma vez que tal atitude é enganosa, e cada indivíduo vai encontrar seu próprio Ser, e não o do outro, portanto o modelo não serve para a simples imitação (cópia da cópia), serve para indicar o caminho, o processo, não o

---

\* Em relação a esse assunto, a leitura de *Filosofia Terminada, Filosofia Interminável* (Cadernos Acadêmicos, volume 13, nº 1, 2006) de Sarah Kofman é imprescindível.

resultado, uma vez que o indivíduo é resultante de seu próprio Ser, ou melhor, da busca de seu Ser, ou assim, idealmente, deveria ocorrer, caso contrário estará fazendo a cópia da cópia – *mimesis*. Por isso a importância do diálogo no processo dialético, no qual o homem descobre suas potencialidades e as molda como o oleiro molda o barro, ou o escultor o mármore. A potencialidade por intermédio da dialética (diálogo) transforma-se em realidade visível, razão pela qual não pode haver mentiras no modelo, manipulação. É que para Platão a educação e a pedagogia, e isso é consenso, são pontos importantes, que se destacam em sua obra. Mas nos dias de hoje, não se sabe mais o que verdadeiramente merece ser ensinado a título de estudos gerais, pois o círculo dos saberes formadores, aquilo que os gregos chamavam de *Paidéia*, perdeu seu centro de equilíbrio; a cultura geral perdeu sua forma e sua substância.

### 3.1. 2 O Cidadão da *Polis*

O pensamento platônico não surgiu somente da contemplação, sem dúvida, teve raízes em modelos anteriores. Pode-se identificar em Platão, uma questão central para pensar a educação do homem grego: um modelo existente na relação mestre-discípulo, que contribuiu na evolução da reflexão filosófica. A esse respeito Jaeger afirma que “As tradições lendárias posteriores acentuaram de modo incisivo a importância de Pitágoras como educador. Foi nelas, sem dúvida, que Platão buscou seu modelo, [e justifica dessa forma a máxima colocada por Hegel] o rodeio é o caminho e espírito”.<sup>142</sup>

---

<sup>142</sup> Id. p. 193-206.

Percebe-se que havia um entorno que significava um momento crítico da história grega, era a estruturação de uma nova formação que se baseava no fundamento do conhecimento filosófico no sentido proposto por Platão. A Academia platônica apresentou propostas com exemplo e modelo, sendo que foram considerados por Platão, como autêntica *práxis* dos filósofos, os seguintes posicionamentos: típica atitude espiritual; devotamento incondicional ao conhecimento; estudo e aprofundamento do ser em si mesmo.

Nesse entorno, o pensamento pitagórico foi uma fonte de idéias pedagógicas importantes, uma delas foi a ligação entre a música e a matemática, que de maneira importante influencia o espírito grego. Não se trata de uma ação meramente pessoal, mas sim do fato de o *ethos* educativo radicar-se no novo conhecimento, representado por Pitágoras na tradição ocidental. Por conseguinte

Foi dessa união que nasceram as idéias pedagógicas, mais profundas e de maior influência entre os gregos. Naquela fonte se alimentava evidentemente uma corrente de novos conhecimentos normativos, a qual banha todos os domínios da existência. Foi no séc. VI que vieram à luz os maravilhosos conceitos fundamentais do espírito grego, que nos chegaram como uma espécie de símbolo da sua idiosincrasia mais profunda e que parecem inseparáveis da sua essência.<sup>143</sup>

Um exemplo que demonstra a influência do mestre no processo educativo é que para o pensamento pitagórico não pode subsistir nada que não se possa, em última instância, reduzir a números. Essa concepção reflete a importância de Pitágoras como educador e a sua influência no contexto da filosofia pedagógica de Platão, uma vez que este, em sua última fase, apresentou uma tendência para reduzir as Idéias a números.<sup>144</sup>

---

<sup>143</sup> Id. p.207.

<sup>144</sup> Id. p.206-205.

Já o posicionamento crítico de Platão, em relação à poesia, dá-se pelo *ethos* educativo que estas possuíam na *polis*, uma vez que havia nela, na concepção deste filósofo, uma distorção nas questões básicas, pois afirma que é o que acontece “quando os poetas fazem uma descrição errônea da natureza dos deuses e dos heróis, à maneira do mau pintor, cujo trabalho em nada se parece com o original que se propusera a retratar.”<sup>145</sup> Correspondente a essa situação, como local de sua expressão, nota-se a importância das reuniões sociais, como o banquete:

Os menores detalhes do culto estão no relato do poema revestidos do mais alto significado e nobreza. O banquete é ainda o lugar onde se contam as mais altas tradições relativas às grandes façanhas dos deuses e dos modelos das virtudes humanas.<sup>146</sup>

Isso irá ensejar o debate sobre a natureza dos deuses, que de certa forma influenciava a formação dos gregos:

Apenas destacamos esta declaração que atesta que a crítica da representação tradicional dos deuses, presente nos poemas, era poesia de banquete. (sic) Está repleto do espírito educativo dos banquetes arcaicos. Em íntima relação com a idéia de *arete*, que aqui é cultivada, encontra-se a nova e pura maneira de honrar os deuses e o conhecimento da ordem eterna do universo. Para ele (Xenófanes), o guia da verdadeira *arete* humana é a verdade filosófica.

Outra crítica sobre a formação da época está em “Eurípides [que] assim como Platão ataca o tradicional apreço dos gregos ao atletismo constituindo uma crítica ao valor educativo dos mitos homéricos”<sup>147</sup>, uma vez que algumas questões de fundamental importância na relação mestre discípulo que se propõe a formar o cidadão da *polis* são: que homem educar? educar para qual sociedade? ou seja, qual é o modelo de homem e que sociedade se quer?

Sabe-se que para Platão a imagem do homem modelo não surge do individual, mas sim da Idéia. Essa é indubitavelmente a genuína *paidéia grega*,

---

<sup>145</sup> Id. 377e.

<sup>146</sup> JAEGER. Op. cit. p.215.

<sup>147</sup> Id., p.218.

considerada modelo por um homem de Estado. <sup>148</sup> Porquanto a questão que direcionava os pensamentos daquele período era o Homem universal na sua condição humana e divina, que apenas veio a ser confrontado de forma teórica após um estudo de problemas externos, por exemplo, a medicina e a matemática, as quais serviram de modelo para a investigação do homem interior. “Ora o Homem considerado na sua Idéia, significa a imagem do Homem genérico na sua validade universal e normativa. Como vimos, a essência da educação consiste na modelagem dos indivíduos pela norma da comunidade.” <sup>149</sup>

O que se explora nessa situação bem panorâmica são os olhos do educador que vê na sua meta de educar um foco integral, ou seja,

A concepção platônica de homem é, provavelmente, a mais poderosa e a que exerceu mais influência sobre o Ocidente. A antropologia platônica consiste numa síntese na qual se fundem a tradição pré-socrática da relação do homem com o *kósmos*; a tradição sofística do homem como ser de cultura e, portanto, de educação, conseqüentemente destinado à vida política; a herança de Sócrates do *homem interior da alma*. <sup>150</sup>

Outra observação referente ao homem que se revela nas obras dos grandes gregos é o homem político, essa concepção de político é bem diferente da noção atual. O que se observa é que a educação grega não é uma soma de técnicas e organizações privadas, e nem se propõe à formação da individualidade perfeita e independente.

É fundamental que se entenda qual era a proposta de educar integralmente (*Paidéia*) para compreender as relações estabelecidas e os conceitos propagados pela filosofia clássica e, dessa maneira, situar a idéia de educação, pois, para os gregos representava o sentido de todo esforço humano – era a justificação última da comunidade e individualidade humana. A *polis* indubitavelmente é um marco social e

---

<sup>148</sup> Id., p.14.

<sup>149</sup> Id., p.15.

<sup>150</sup> VAZ. p.35-36. Apud. Teixeira. Op. cit., p.25.

em especial Esparta foi, em muitos aspectos, modelo para Platão.<sup>151</sup> A educação tinha por objetivo atingir o cidadão da *polis*, independente de idade, de um modo abrangente. “Platão durante a vida inteira e também Plutarco, profundamente impregnado do pensamento de Platão, voltou constantemente a este ponto. A educação estendia-se aos adultos; ninguém era livre nem podia viver a seu bel-prazer.”<sup>152</sup>

É a autêntica idéia grega da *formação*. Assim, uma vez modelada, a forma conserva o seu valor mesmo em estágios posteriores e mais elevados e qualquer novidade precisa confrontar-se com ela. Com muito maior razão é isso verdade para outras criações do gênio grego mais fortemente moldadas pelo ambiente histórico e mais diretamente ligadas à situação do tempo. Mas até as formas universalmente válidas, independentes do conteúdo concreto da vida histórica, são, se consideradas com um olhar impregnado de sentido histórico, inteiramente gregas e não excluem a coexistência de outras formas de intuição e de pensamento lógico e matemático. Dessa maneira, entende-se que a

... verdadeira educação para Platão é uma formação ‘geral’, porque o sentido político é o sentido do geral. O contraste entre o conhecimento real necessário para os ofícios e a educação ideal política, que afeta o homem todo, tem a sua origem última, como já vimos, no tipo da antiga nobreza grega.<sup>153</sup>

Nesse contexto, a discussão que se estabelece é sobre quais os parâmetros que devem nortear a educação do cidadão da *polis*, e que modelo deve ser seguido. Jaeger ressalta que “Em todo caso, constituem um fenômeno do mais alto significado na história da educação. É com eles que a *paidéia*, no sentido de uma idéia e de uma teoria consciente da educação, entra no mundo e recebe um

---

<sup>151</sup> TEIXEIRRA. Op. cit., p.28.

<sup>152</sup> JAEGER. Op. cit., p.113.

<sup>153</sup> Id. p.113.



fundamento racional”.<sup>154</sup> Pode-se, pois, considerá-los um estágio da maior importância no desenvolvimento do humanismo, embora este só tenha encontrado a sua verdadeira e mais alta forma após a luta contra os sofistas e sua superação por Platão.

No entanto, apesar de Platão combater os sofistas, ele não deixa de olhar para o modelo utilizado por eles e de certa forma absorver o que pode ser útil, uma vez que

Platão e Sócrates adotam as idéias educacionais dos sofistas e nelas introduzem diversas modificações. Não há nada que caracterize tão bem esta transformação como o fato de Platão, chegado ao termo da sua vida e do seu saber, ter transformado, nas Leis, a célebre frase de Protágoras (tão característica, na sua própria ambigüidade, do tipo de humanidade, do tipo de humanismo dele): O homem é a medida de todas as coisas, no axioma: A medida de todas as coisas é Deus.<sup>155</sup>

Platão ultrapassa a idéia de educação dos sofistas, precisamente porque volta atrás e remonta à origem, pois para ele a educação não é um mero processo de crescimento que o educador alimenta, favorece e guia deliberadamente, mas precisa de uma norma como ponto de partida. Ou seja, existindo um paradigma tem-se um parâmetro para educação do aprendiz que tem como inspiração o mestre, um ideal a ser imitado ou copiado. Por exemplo, Sócrates, que seria o modelo de filósofo, seria um parâmetro para os educadores. Isso fica claro nos exemplos citados por Jaeger:

Não nos dão os seus traços pessoais, mas o ideal da forma humana tal como o treino para a luta a modelou [ou] Achamos de novo a mesma comparação (não sabemos se conscientemente apoiada em Píndaro) na República de Platão, quando este compara Sócrates a um escultor, por ele formado a imagem ideal da *arete* do futuro filósofo governante.<sup>156</sup>

Mas não se restringem ao filósofo os exemplos de modelo oriundos da filosofia platônica: o poeta clássico Tirteu, que, na figura de educador, marcou de

---

<sup>154</sup> Id. p.348.

<sup>155</sup> Id. p.351.

<sup>156</sup> Id.p.258.

forma contundente a nova idéia do heroísmo e da comunidade em Esparta, exemplifica também essa idéia do modelo a ser buscado e copiado, pois “Para ilustrar a posição dos guerreiros no seu Estado ideal, Platão toma Tirteu como modelo, quando propõe honrar os guerreiros acima dos vencedores em Olímpia.” <sup>157</sup>

Sobre isso, Jaeger diz que

É neste ponto que a idéia de modelo, em Píndaro, atinge a maior profundidade. A máxima “torna-te quem és” oferece a suma da educação inteira. É este sentido que todos os modelos míticos que propõe aos homens. Revela-se neles a imagem mais alta do seu próprio ser. Uma vez mais se patenteia quanto é profunda a vinculação social, espiritual e histórica desta *paidéia* dos nobres com o espírito educador da filosofia das idéias de Platão. <sup>158</sup>

Percebe-se também a abstração do conceito de modelo, que se fundamenta numa idéia geral da qual surge a pluralidade de interpretações: “Em outro lugar da *República*, onde explica fundamentalmente que o caráter do modelo é alheio à realidade, compara a destreza idealizadora do filósofo à arte do pintor, que não cria homens reais, mas um ideal de beleza.” <sup>159</sup> Foi essa descoberta que, num momento crítico da história grega, possibilitou, pela primeira vez, a estruturação de uma nova formação humana, com fundamento no conhecimento filosófico, no sentido proposto por Platão: “Não era um educador da burguesia na *arete* política universal, mas, em outro sentido, tornava-se o seu modelo. O tirano é o protótipo do homem de Estado que surgiu mais tarde, embora carecesse da responsabilidade deste. <sup>160</sup>” E isso está expresso nas palavras de Platão, quando diz “Teus governantes, Sócrates, (...) são belos e a conta inteira; plasmaste-os com a perícia de um escultor.” <sup>161</sup> No entanto, é fundamental a compreensão de que o filósofo está abordando a possibilidade de

---

<sup>157</sup> Id. p.127.

<sup>158</sup> Id. p.263.

<sup>159</sup> Id. p.258.

<sup>160</sup> Id.

<sup>161</sup> PLATÃO. *A República*. Op. cit. 540c.

moldar o caráter inato, o que Platão busca esclarecer ao exemplificar com a seguinte observação: “Julgas então que um pintor vale menos, se tiver desenhado um modelo do que seria o mais belo dos homens, e transmitido suficientemente à sua pintura todas as qualidades, mas não puder demonstrar a possibilidade da existência de um homem desses? <sup>162</sup>”

Platão esperava poder influenciar o mundo em transformação e os anseios políticos que o animavam com a estruturação de um modelo de homem, assim é que

Platão culmina a sua obra de filosofia pedagógica com a sua conversão em legislador, na última e maior das suas obras. [...] Com razão, o legislador era considerado educador de seu povo, e é característico do pensamento grego que ele seja freqüentemente colocado ao lado do poeta, e as determinações da lei junto das máximas da sabedoria poética. Ambas as atividades são estreitamente afins. <sup>163</sup>

### 3.2 ALGUNS ELEMENTOS DE UNIÃO ENTRE O PENSAMENTO PEDAGÓGICO DE PLATÃO E A EDUCAÇÃO ATUAL

Nesta reflexão sobre a educação em seu sentido amplo de formação e socialização do indivíduo, mesmo que se a restrinja ao domínio escolar, ela supõe, necessariamente, a comunicação e a transmissão. Nesse contexto, ecoam significativas as palavras de Edgar Morin:

Não possuímos as chaves que abririam as portas de um futuro melhor. Não conhecemos o caminho traçado. ‘El camino se hace al andar.’ Podemos, porém, explicitar nossas finalidades: a busca da hominização na humanização, pelo acesso à cidadania terrena. <sup>164</sup>

---

<sup>162</sup> Id. 472d.

<sup>163</sup> JAEGER. Op. cit, p.143.

<sup>164</sup> MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, Brasília, 2000.

A reflexão que aqui se faz é com que roupagem o educador se veste ao transmitir esse conteúdo ou ao realizar o processo educacional. É um procedimento de imitação ou de descobertas? Nesse contexto, Platão torna-se referência importante, pois, partir-se de uma situação onde a pedagogia, a orientação dos jovens, encontrava-se fundamentada na *paidéia*, é um princípio que exige um esforço de recuperação de valores e reflexão sobre a linha tênue que une ou separa, depende aí do enfoque, as progressões e regressões da civilização ocidental. Para Platão, o processo de autonomia, contudo, não é exclusivista. Cabe ao homem, por intermédio da educação, buscar condições melhores para que a humanidade possa alcançar *o seu melhor modelo*, baseada na dialética que eleva o aprendiz à condição de responsável pelo seu próprio crescimento, dentro de um contexto historicamente situado. Sob esse paradigma é que é feito este estudo, visando de forma elementar situar o leitor nas referências relativas à *paidéia* – a formação do homem grego.

### 3.1 A ESCOLA DE HOJE E DO FUTURO

A educação vive vários dilemas em decorrência do progresso em diversas áreas do conhecimento. Morin afirma que a “A educação deve promover a ‘inteligência geral’ apta a referir-se ao complexo, ao contexto, de modo

multidimensional e dentro da concepção global”, <sup>165</sup>favorecendo o desenvolvimento das idéias que devem nortear a própria reflexão acerca do pensamento global e do ensino. A educação não deve se acomodar, ou seja, há de se ter um combustível capaz de alimentar o procedimento pedagógico, pois, ainda segundo o autor supracitado, a “incerteza que mata o conhecimento simplista, é o desintoxicante do conhecimento complexo. De qualquer forma, o conhecimento permanente como uma aventura para a qual a educação deve fornecer o apoio indispensável.” <sup>166</sup>

O modo de pensar que a tradição vem impondo à sociedade, na qual os cidadãos são formatados, pauta-se em princípios de disjunção, de reprodução e de redução. A fragmentação do saber e sua disseminação pelos sistemas de ensino produzem a perda da capacidade de contextualizar os saberes, o que provoca, para o autor citado acima, a “atrofia da disposição mental natural de contextualizar e de globalizar”. <sup>167</sup>Morin considera ainda que um dos problemas mais sério, e também o mais conhecido dos sistemas educacionais, é o da inteligência que só se sabe conhecer por meio da separação, ou seja, o ensino baseado no *paradigma da disjunção*. Nessa forma de pensar, a complexidade da realidade é fragmentada e as multidimensões resumem-se a unidimensões enxergadas uma a uma. Uma primeira conseqüência é a diminuição das possibilidades de compreensão e de reflexão, dificultando a formação de uma visão e de um julgamento corretivo, quando necessário.

---

<sup>165</sup> MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, Brasília, 2000. p. 39.

<sup>166</sup> Id. p. 31.

<sup>167</sup> Id. p. 43.

Aponta, o referido autor, que a educação deve priorizar a compreensão como uma de suas bases. Ensinar a posicionar-se diante das adversidades proporciona ao sujeito a condição de “ser capaz de modificar o comportamento em função das informações e dos conhecimentos novos que o desenvolvimento da ação nos propicia”<sup>168</sup>. Nessa visão é que o paradigma da *cópia* parece afetar diretamente a questão da compreensão, uma vez que “os indivíduos conhecem, pensam e agem segundo paradigmas inscritos culturalmente neles”<sup>169</sup>.

Portanto, considerando que se entende por paradigma “um nível que determina a escolha da visão de mundo em função de um princípio lógico que une conceitos fundamentais”<sup>170</sup>, pode-se dizer que ele seleciona as idéias-mestras para a inteligibilidade, bem como as operações lógicas que norteiam as teorias e orientam os discursos e as características da verdade. O autor adverte que é no paradigma que está o “problema-chave do jogo da verdade-erro”, [pois o mesmo pode], “ao mesmo tempo, elucidar e cegar, revelar e ocultar”.<sup>171</sup> Portanto, quando se pensa a educação, há a necessidade de que esteja claro o paradigma sob o qual se está desenvolvendo essa análise.

Nas várias obras diretamente relacionadas com educação, Morin insiste no fato de que “a educação deve mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado pelo erro e pela ilusão, [bem como há a necessidade de o

---

<sup>168</sup> MORIN, E. **Educação e Complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 2002, p.97.

<sup>169</sup> Id. p. 81.

<sup>170</sup> MORIN. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000. p. 25.

<sup>171</sup> Id. p.27.

educador dedicar-se também] à identificação da origem de erros, ilusões e cegueiras”<sup>172</sup>, evidenciando suas raízes e causas.

Marx<sup>173</sup> levantou a seguinte questão: *Quem educará os Educadores?* Ao que Morin propõe:

Seria necessário que eles se educassem a si próprios, embora não tenham muita vontade de fazê-lo. Seria necessário também que identificassem as necessidades existentes na sociedade. Esperamos que as circunstâncias façam amadurecer estes problemas e que, talvez, assistamos a uma possibilidade de regeneração.<sup>174</sup>

A questão da *compreensão*, o autor a define de dois modos: a intelectual, que em paralelo navega pela inteligibilidade e pela explicação, e a humana, que

... comporta um conhecimento de sujeito a sujeito (...) onde o outro não apenas é percebido objetivamente, é percebido como outro sujeito com o qual nos identificamos e que identificamos conosco, o ego *alter* que se torna *alter* ego. Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade.<sup>175</sup>

Ele, ainda, diz que

A resposta às incertezas da ação é constituída pela escolha refletida de uma decisão, a consciência da aposta, a elaboração de uma estratégia que leve em conta as complexidades inerentes às próprias finalidades, que possa se modificar durante a ação em função dos imprevistos, informações, mudanças de contexto e que possa considerar o eventual torpedeamento da ação, que teria tomado uma direção nociva.<sup>176</sup>

---

<sup>172</sup> Id.p.19.

<sup>173</sup> MARX, C. ; ENGELS, F. **La ideología alemana** (Tesis sobre Feuerbach). México: Cultura Popular, 1978.

<sup>174</sup> MORIN. Op. cit. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. p.102.

<sup>175</sup> Id. p. 95.

<sup>176</sup> Id. p. 91.

Inclusive aponta para as dificuldades que surgem no caminho da *compreensão*, como o distúrbio de comunicação, que proporciona dificuldades de entendimento, e pode ter sua origem no problema dos muitos significados de um termo e a gênese desse problema pode ser uma concepção fragmentada e reducionista das questões que envolvem o ser humano e seu entorno. Enfatiza que esses procedimentos adotados na simplificação e redução têm ocasionado um sério desgaste em várias disciplinas, incluindo a ética; porquanto o procedimento de fragmentar disciplinas levou à visão pobre do todo, ao enfraquecimento global da percepção, da responsabilidade e solidariedade, induzindo a “atrofia da disposição mental natural de contextualizar e de globalizar.”<sup>177</sup> Razão pela qual propõe que o desenvolvimento da compreensão humana deve acontecer por meio da introspecção e do bem pensar. Portanto se faz necessário evitar reduzir o Ser à simplicidade do pensamento de uma educação que lhe *entrega tudo pronto*.<sup>178</sup>

A esse fator, acrescenta também a necessidade de dar atenção ao problema epistemológico da compreensão: “para que possa haver compreensão entre estruturas de pensamentos, é preciso passar à meta-estrutura do pensamento que compreenda as causas da incompreensão de umas em relação às outras e que possa superá-las”.<sup>179</sup> Morin ainda assinala que “O ensino da compreensão é crucial, se estivermos de acordo sobre a idéia de que o mundo encontra-se devastado pela incompreensão e que o progresso humano, por menor que seja, não pode ser imaginado sem o progresso da compreensão.”<sup>180</sup> Assim, não se pode, dentro da perspectiva desse estudioso – que por tais concepções estabelece elementos de

---

<sup>177</sup> Id. p.41.

<sup>178</sup> Id. p.104.

<sup>179</sup> Ibid. p.104.

<sup>180</sup> Id. p.93.



união com a filosofia de Platão –, esquecer que a concepção de ser humano-sujeito, na perspectiva da compreensão humana, mostra-se indispensável, pois não se agrupa por decreto algo que é resultado de processos muito complexos e longos.

A compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos aos seus sofrimentos e suas alegrias. (...) É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão. Enfrentar a dificuldade da compreensão humana exigirá o recurso não a ensinamentos separados, mas a uma pedagogia conjunta que agrupasse filósofo, psicólogo, sociólogo, historiador, escritor, que seria conjugada a uma iniciação à lucidez.<sup>181</sup>

A prioridade no ensino deveria, portanto, ser a compreensão, pois sem ela não há mudança de comportamento. Na sala de aula, há um rico espaço para o desenvolvimento de relações que incluem e exigem o bom senso, a diversidade e a conflituosidade. As escolas constituem-se como espaços que vivenciam “realidades ou problemas que são cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários”.<sup>182</sup>

Morin destaca, ainda, a necessidade de uma reforma no ensino, a qual não se encontrará pronta em livros e nem em sua obra. Acredita que “a reforma deve originar-se dos próprios professores e não do exterior”<sup>183</sup>, uma vez que condena a necessidade de simplificar o pensamento e vê na complexidade um ideal a ser alcançado, mesmo que ele ainda não a tenha sistematizado de forma clara. Faz observações a respeito da reforma do ensino e do pensamento, que apesar de estar fundamentado numa cultura anterior busca em si mesmo algo de novo, pois para ele:

---

<sup>181</sup> Id. p. 51.

<sup>182</sup> Id. p.13.

<sup>183</sup> Id. p.35.

No fundo, essa missão é uma missão das luzes, portadoras de um saber que ajuda a compreender e abraçar a complexidade do real. (...) este saber que abraça deve ressuscitar uma cultura que não é pura [nem] simplesmente a cópia da antiga cultura, mas sim a sua integração em conexão com a cultura das Humanidades e das Ciências<sup>184</sup>.

Refletindo-se sobre essas suas definições, pode-se dizer que ele propõe, como condição necessária para ser educador, um aprofundar-se na compreensão do que seja humanidade dentro de uma visão clássica restituída à época atual, pois encontra-se nos textos *O Banquete*<sup>185</sup> e *Fedro*<sup>186</sup> a concepção de que o amor (*Eros*\*) é um agente educativo, e que a aspiração à verdade e ao ser é impulsionada pelo amor e por ele ativada. E para elucidar essa visão nada mais claro que as próprias palavras de Morin:

A ressurreição de uma missão inclui igualmente a ressurreição de uma fé, de uma fé na cultura, de uma fé no espírito humano, e é justamente isto que restitui o que Platão declarava ser fundamental para o educador: para ser educador é preciso ter amor para com a matéria que ensina, para com as pessoas a quem ensina. É preciso despertar esse *eros*. Creio que é na ressurreição trinitária do amor, da missão e da fé que se poderá tentar formar os cidadãos do terceiro milênio.<sup>187</sup>

Essa proposição estabelece a relação do processo educacional tal como se configura na transdisciplinaridade\* de Morin com a concepção que Platão manifestou

---

<sup>184</sup> Id. p.36.

<sup>185</sup> PLATÃO. **O Banquete**. Op. Cit. 209 a-e

<sup>186</sup> PLATÃO. **Fedro**. Op. Cit. 277 b-c

<sup>187</sup> MORIN. Op. cit. p. 36.\*

\*Eros: "O homem é um ser de desejos. Destes, alguns, por natureza, são necessários e úteis; a maioria, não. A alma humana quer atingir o ideal de Eros. A educação do homem livre é retórica na medida em que o ensina a proferir um discurso belo, não porque agrada aos sentidos, mas belo porque verdadeiro e justo. Se faz necessário colocar o homem no rumo certo, em direção ao Bem, ao Belo e ao Verdadeiro. E nutrir nele o Amor do Bem. A questão de como o homem pode conhecer o prazer verdadeiro e satisfazer corretamente aos desejos, temos que o prazer verdadeiro, ligado ao espírito, é tanto mais legítimo quanto mais aproxima o homem do Ser" (PLATÃO. **República**. 585e - 586b).

\* Para Morin, pode-se entender Transdisciplinaridade como a prática que une e não separa o múltiplo e o diverso no processo de construção do conhecimento.

sobre a educação. Pode-se dizer que na *complexidade* a educação tem como finalidade principal a formação de pessoas capazes de buscar constantemente o conhecimento do conhecimento, ou seja, buscar sempre as origens desse conhecimento. Percebe que para ocorrer a reforma do pensamento

Faz [se] necessário substituir um pensamento que está separado por outro que está ligado. Esse reconhecimento exige que a causalidade unilinear e unidirecional seja substituída por uma causalidade circular e multirreferencial, que a rigidez da lógica clássica seja corrigida por uma dialógica capaz de conceber noções simultaneamente complementares e antagônicas, que é o conhecimento da integração das partes. <sup>188</sup>

Muito se fala de conhecimento, mas nem sempre se diz o que ele significa. É preciso destacar que é muito importante e necessário ensinar que todo conhecimento é tradução e reconstrução. É na verdade, resultado de percepção por intermédio dos nossos órgãos dos sentidos, resultante de uma seqüência de transformações bioquímicas no nosso organismo, as quais sofrem uma tradução por meio da linguagem e do pensamento, que comporta também uma interpretação do observador-coceptor. A informação apresenta-se como matéria-prima do conhecimento, que não está pronto, pois exige aperfeiçoamento constante. A mesma tem o pensamento como agente fundamental.

Morin traz o problema que deve ocupar posição fundamental no trato da educação em nossos dias: o pensamento simplificador ou da disjunção gerou a perda da capacidade de contextualizar os saberes e integrá-los. E afirma que “A missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo,

---

<sup>188</sup> Id. p.19.

<sup>196</sup> Id. p.24.

<sup>197</sup> Id. Ibidem

um modo de pensar aberto e livre”. No entanto, em contraste a essa proposição, observa-se que a maioria das escolas atuais não abre espaço para o questionamento: isolando objetos de estudo, separando disciplinas, decompondo problemas e assim causam contradição ao pensamento.

Dito de outra forma, o modo de pensar induzido pelo paradigma da disjunção reduz “as possibilidades de um juízo corretor ou de uma visão em longo prazo. [Em certa medida, provoca alienação]: a inteligência cega se torna, assim, inconsciente e irresponsável, incapaz de encarar o contexto e complexos planetários.”<sup>189</sup>

Tudo isso define a linha de pensamento de Morin, sobre o ensino educativo, que é fugir da moldagem e despertar a autodidática, e na busca da compreensão desse pressuposto educacional soam esclarecedoras as observações de Teixeira<sup>190</sup> de que a Teoria das Formas estabelece o alicerce da pedagogia platônica e permite estabelecer o paradigma de que recordar implica em educar, sendo a recordação o alicerce da educação. O que significa que o aprendiz já tem em si o conhecimento, mas precisa realizar o processo de fazer lançar de si esse conhecimento.

Essa contemporaneidade do pensamento filosófico pedagógico de Platão é também observada na contribuição pedagógica de Gustavo Bernardo, uma vez que este situa o processo educacional numa perspectiva totalmente diferente da pedagogia tradicional justamente por ser a sua abordagem educativa inspirada nas contribuições de Platão e Foucault\*, com uma concepção de currículo de algum

---

<sup>189</sup> Id.Ibidem.

<sup>190</sup> TEIXEIRA. Op.cit.

modo de caráter atemporal, pois é voltado para a lógica da argumentação, correspondente as formas fundamentais do conhecimento.<sup>191</sup>

### 3. 2. 2 A Ética e a Pedagogia

Platão expressa que o homem, o ser humano, necessita utilizar sua própria razão. Assim, como lhe cabe o ônus de constituir os elementos fundamentais de sua condição, ao nascer, porém, incapaz disso, essa tarefa é atribuída a outros. Assim, uma geração educa a outra, como se vê na *Paidéia* grega. Ao conceber-se a complexidade do gênero humano através da tríade indivíduo/sociedade/espécie, tem-se a necessidade de tornar evidentes as interações que mantêm essa relação de interdependência. Tais relações quando enfatizadas, principalmente pela educação, conduzem à antro-po-ética, “de onde emergem nossa consciência e nosso espírito propriamente humano”.<sup>192</sup>

Para Morin, a antro-po-ética implica na articulação dos saberes, desde a condição humana até a ética da compreensão. Isso não ocorre sem que o conhecimento esteja sendo meio, e não fim em si mesmo. Por isso, ensinar o conhecimento do conhecimento e a pertinência do conhecimento como atitude é algo fundamental na formação do ser humano, pois, como ele afirma,

a antro-po-ética compreende, assim, a esperança na completude da humanidade, como consciência e cidadania planetária. Compreende, por conseguinte, toda ética,

---

\* Para Foucault, filósofo contemporâneo, “o sujeito é aquele que de alguma forma está submetido ao outro, por meio de relações de controle/dependência, ou então a si mesmo, preso à sua própria identidade, mediante a prática do conhecimento de si” (FOUCAULT, 1995, *apud* Cleonice de Sales Forastiero em dissertação de mestrado: *Ética e Aprendizagem: uma análise crítica do discurso sobre as dificuldades de aprendizagem a partir de Michel Foucault*. Universidade Gama Filho/RJ)

<sup>191</sup> BERNARDO, Gustavo. **Educação pelo argumento**. Rio de Janeiro: Roco, 2000.

<sup>192</sup> Id.p.106.

aspiração e vontade, mas também aposta no incerto. Ela é consciência individual além da individualidade.<sup>193</sup>

De acordo com ele, a ética do gênero humano inclui ainda a concepção da humanidade como comunidade de destino planetário, como se viu na identidade terrena e na condição terrestre da humanidade:

A Humanidade deixou de constituir uma noção apenas biológica e deve ser, ao mesmo tempo, plenamente reconhecida em sua inclusão indissociável na biosfera; a Humanidade deixou de constituir uma noção sem raízes: está enraizada em uma 'Pátria', a Terra, e a Terra é uma Pátria em perigo. A humanidade deixou de constituir uma noção abstrata: é realidade vital, pois está doravante, pela primeira vez, ameaçada de morte; a Humanidade deixou de constituir uma noção somente ideal, tornou-se uma comunidade de destino, e somente a consciência desta comunidade pode conduzi-la a uma comunidade de vida; a Humanidade é, daqui em diante, sobretudo uma noção de ética: é o que deve ser realizado por todos e em cada um<sup>194</sup>.

Além disso, Morin destaca que existem somente possibilidades de melhoras no momento atual, as quais serão possíveis com a articulação da reforma do pensamento, com a antropo-ética, com o verdadeiro humanismo, com a consciência da Terra-Pátria – tudo isso tendo o conhecimento como meio de ação, sendo que para Platão o conhecimento de certo modo constitui-se em um fim em si mesmo.

Pode-se dizer que a abordagem de Morin (educação atual) apresenta pelo menos dois focos identificados com o pensamento de Platão, isto é, a ambigüidade da função “modelo” e “cópia” ( em Morin “bom” e “ruim”) e a dimensão dialética que procurou ver a idéia no contexto.

Além disso, observou-se, neste estudo que busca situar elementos convergentes entre a pedagogia de Platão e a atual, que para Platão não há separação entre lei e moralidade, no entanto por meio da pedagogia educacional,

---

<sup>193</sup> Id. Ibidem.

<sup>201</sup> Id. p. 14.

ora vigente, se expressa um sujeito moral, talvez aí um ponto de conflito a ser considerado, apesar dos elementos de união. No entanto, naturalmente, não é demasiado ressaltar que tal perspectiva se manifesta em Platão, como uma maneira de propiciar que uma geração após outra encontre caminhos novos, aperfeiçoando os já descobertos, naquilo que possam oferecer de melhor. Pois, para ele, as idéias são paradigmas ou modelos perfeitos, eternos imutáveis dos objetos existentes no mundo atual que são cópias desses modelos, e que de algum modo participam deles.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante lembrar que, neste trabalho, não se pretendeu o fechamento de uma única via de acesso, nem se teve a pretensão de esgotar o assunto – para o bem da própria discussão -, o que se procurou foi tentar estabelecer relações e correlações que levem a compreender melhor porque a educação só se efetiva com um constante aperfeiçoamento. No entanto as noções do paradigma da Teoria das Formas, ou seja, da relação entre o *modelo* e a *cópia*, levam a inúmeros impasses, os quais se buscou discutir no transcorrer da argumentação, contextualizada no ambiente educacional, no processo do conhecimento.

Assim, embora se tenha abordado, neste estudo, apenas alguns aspectos pedagógicos que permeiam a obra platônica e que têm repercutido ao longo da história da prática pedagógica, nem por isso são de fácil compreensão dentro de seu sistema pedagógico. Entre as questões apresentadas, destaca-se a compreensão do fato de que existindo um paradigma tem-se um parâmetro para educação do aprendiz, que, por sua vez, tem como inspiração o mestre, um ideal a ser imitado ou copiado. Por exemplo, Sócrates que seria o modelo de filósofo seria um parâmetro para os educadores. O alcance dessas idéias, como sendo a própria essência do real, seria atingido na medida em que, pelo processo dialético, a mente se afaste do mundo concreto, por meio de sucessivos graus de abstração, até chegar à contemplação das Idéias.

A dialética platônica, enquanto capacidade de discernir e ordenar a multiplicidade na unidade, expressão suprema do pensamento do ser humano e o fundamento de toda a sua capacidade de agir e de operar no mundo, torna-se,



também, a característica essencial do Intelecto Divino e do seu modo de operar; é justamente nesse sentido que Platão se refere à necessidade de assimilação do inteligível, o tanto quanto seja possível ao homem.

O exercício da faculdade de compreender, segundo Platão, leva em conta o esforço de um raciocínio, que é propiciado pelo ato de pensar com afinco sobre o conjunto das coisas a serem investigadas. Sua era a opinião de que dificilmente alguém poderá conhecer verdadeiramente algo que se transforma, assim, sobre o mundo dos sentidos somente se podem ter opiniões incertas. Na verdade, só há um conhecimento seguro: aquele que se reconhece com a razão. A Idéia para Platão está por trás de todos os fenômenos da natureza – o *mundo dos sentidos* –, porquanto há uma realidade autônoma, o *mundo das Idéias*, mundo onde estão as imagens primordiais, eternas e imutáveis. Platão se serviu do conceito de *imagem* para depreciar o mundo dos sentidos e distingui-lo do mundo das Idéias e denunciou a *imitação* como afastada da *verdade*, e esse afastamento a rebaixa numa escala de valores da *verdade*, pois, uma vez que o conjunto de substratos armazenados no mundo inteligível exerce a função de modelo, no sentido metafísico de sistema de apreensões, sendo que ele possibilita a existência dos objetos pelo reconhecimento da idéia que temos deles, portanto o papel do modelo é tornar-se a apreensão que se tem da imitação das coisas.

A concepção de que os dois mundos – o do Ser e o do não-ser ou do mundo das Idéias e do mundo dos sentidos (imitações) – formam uma realidade única que se alinha à compreensão do fato de que, no pensamento platônico, a intersubjetividade e a ética são indispensáveis ao conhecimento, pois a ascensão da alma pressupõe a ética enquanto dimensão imanente, já que pressupõem relações intersubjetivas para sua efetivação. O vínculo entre a ética e o conhecimento é que

estabelece o encadeamento coerente e rigoroso da *evolução* em Platão, o que recai sobre os conceitos de *diálogo* e *dialética*, o que implica, por sua vez, uma ascensão ao nível do conhecimento das Idéias.

Em Platão, a relação entre *diálogo* e *dialética* surge em decorrência correspondente à realização de um mesmo fim, que os converge: a ascensão das almas e da *polis* à verdade. A *polis* surge como condição apropriada para a educação do homem e para a determinação de uma série de distinções fundamentais em sua lógica interna, como as que se dão nos âmbitos cognitivo (verdade ou falsidade), ético (bem ou mal) e estético (beleza ou feiúra). Segundo Platão, é preciso ter o modelo de sociedade e somente então se pode ter o processo de formação do indivíduo, dessa forma a *polis* é um fundamento importante e recebe uma importância sem precedentes dos gregos. Assim a necessidade de superar a explicação da realidade baseada em fundamentos míticos de tal forma que os alicerces da compreensão se fundamentassem em novos pilares mais consistentes foi um dos impulsos que Platão teve ao reconstruir a *paidéia* grega. Nessa sistematização, sua preocupação não é só a educação do indivíduo, mas também a educação da *polis*, sendo que a Filosofia é, então, o carro chefe dessa proposta que coloca o filósofo no pedestal mais alto da sabedoria.

Nesse contexto, um dos temas do pensamento platônico é a posição em que se encontra o filósofo diante da *polis*, ou seja, como ele deve proceder diante da opinião (*dóxa*). Deve-se compreender (e é ao que remete o que está sendo exposto) que as pessoas expressam suas opiniões sobre diversos assuntos, baseadas muitas vezes no *senso comum*. Pode-se entender como *senso comum* a postura acrítica que alguém adote para compreender a realidade em que está inserido. Por exemplo, os educadores que tomam por base de sua prática o *senso*

*comum* e agregam conceitos e valores vivenciados no ambiente escolar e os tomam por verdades absolutas.

Foram examinados, inserindo-os nesta perspectiva da Teoria das Formas, alguns elementos básicos trabalhados por Platão a respeito da educação que podem continuar sendo válidos para a época presente, pois se relacionam ao desafio de formar o homem em todas as suas dimensões e não somente a intelectual. Por conseguinte, considerando que o educar exige revisão constante em suas práticas para que possa visualizar sua própria atuação, também o educador necessita de mediações teóricas que transcendam sua disciplina e a situem em uma perspectiva mais ampla, que seja capaz de questioná-la de forma crítica.

Além disso, neste estudo, ao interligar-se a concepção platônica do modelo e da cópia com o processo educacional da modernidade, foi possível observar que a função de *transmissão cultural* da escola parece ter certa tensão, mas, sem dúvida, esta é de suma importância para esclarecer as regras do jogo na Educação. Assim, no contexto, do sistema atual em que o conhecimento se restringe a simples repetição de conteúdos, é perceptível, portanto, o mecanismo da cópia prevalecendo sobre a busca do conhecimento, uma vez que o copiar e o memorizar, em muitas instituições, de acordo com as leituras que foram feitas durante este trabalho (Coracini, Jaeger, Morin, Forquim, Foucault, Teixeira, Gustavo Bernardo etc.), é a norma de estudo que prevalece, e, assim, em vez de serem oportunizados processos interativos para a construção do conhecimento, continua a ser exigido dos alunos a memorização, a repetição e a cópia com ênfase no conteúdo.

Não obstante, a escola é o lugar adequado para aprender a interpretar o mundo e poder transformá-lo, uma vez que a partir da relação entre educador e

educando tem-se a busca do conhecimento. Cabe às escolas, portanto, desempenhar com qualidade seu papel na criação de situações de aprendizagem que permitam ao aluno desenvolver as condições necessárias para que ocorra a construção do conhecimento.

Nessa situação ou nessa relação de aprendizagem, uma das questões é a conduta dos professores, pois quando eles ensinam suas disciplinas como produto pronto e acabado, num processo essencialmente expositivo e de imitação, reproduzindo conteúdos, inexistindo a atividade argumentativa e sufocando o potencial crítico dos alunos, pode-se considerá-los mais próximos da figura dos poetas (aqueles que exerciam o ato de educar apregoando a cópia da cópia) de que fala Platão, do que da imagem do mestre ou do filósofo a que ele se refere e que deveria servir de modelo. Pode-se estabelecer tal conexão, porquanto, em muitas escolas, há alunos a subscreverem percepções estreitas da realidade, inadequadas para resolver problemas do nosso tempo, com bases em enfoques fragmentados (em vez da complexidade ou transdisciplinaridade de Morin) gerados por modelos culturais e conceituais obsoletos e irrelevantes.

Esses fatos e conexões demonstram que o pensamento platônico, cujas contribuições foram aqui evocadas, pode contribuir para analisar e refletir sobre o processo de transmissão do conhecimento escolar, ressaltando-se a relação desse processo educacional à que está referindo o presente texto com arte de imitar por vezes criticada por Platão.

Os postulados da filosofia platônica contrapõem-se às instituições que praticam o ato pedagógico como simples transmissão de informação, porquanto assim o processo desce para o nível da doutrinação e não do diálogo ou do

processo dialético, o que evidentemente gera conseqüências que agravam a educação do aprendiz.

Nesse contexto, isto é, quando o conhecimento se restringe a simples repetição de conteúdos, o que se percebe é que, nesse mecanismo, o educando não é o sujeito de sua própria formação. Esse é um aspecto crucial, pois engloba todo o processo: a premissa que o instaura, os detalhes de sua construção e o resultado, ou seja, o sujeito. Que sujeito se estrutura nesse processo? Um sujeito autônomo ou um sujeito prisioneiro de sua própria incapacidade para inquirir sobre verdades, solucionar problemas? Um sujeito criativo ou apenas habilitado para imitar no que pensa, fala e faz? No processo educativo é necessário que haja esforço de ambos os lados, e sem dúvida um professor genuíno defronta-se com muitas situações de dificuldades.

Constata-se, portanto, que, embora o século XX tenha se caracterizado pelo desenvolvimento de teorias pedagógicas e metodologias correspondentes (as quais buscaram, de certa forma, acompanhar as modificações a respeito da forma de conceber o mundo), o modelo que orientou a organização educacional até os dias de hoje, pleno século XXI, contém muitas coisas que já não mais respondem ao que se acredita enquanto educação. Além disso, há muitas dúvidas sobre o que se quer, e se o que se quer atende com qualidade às necessidades que se apresentam. Diante disso, conhecer a origem e o desenvolvimento da educação abre a possibilidade de identificar as possíveis incongruências desse modelo com o contexto atual e, a partir delas, a condição de sair-se em busca dos primeiros passos em direção às mudanças necessárias, e o pensamento filosófico pedagógico de Platão pode ser de efetiva utilidade para tal reflexão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ANDRADE, Rachel Gazolla de. **Platão**: O Cosmos, O homem e a Cidade: um estudo sobre a alma. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 104-116.
- ANTISERI, D.; REALE, G. **História da Filosofia**. Vol. I. São Paulo: Paulinas, 1990. 678 p.
- ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 1999.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969.
- BERNARDO, Gustavo. **Educação pelo argumento**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- BRISSON, Luc. A Prova pela Morte: um estudo sobre o Fédon de Platão. **Revista Hypnos**. V. 9. Departamento e Programação de Pós-Graduação em Filosofia da PUC/SP. São Paulo: Educ; Edições Loyola, 2002.
- CANTO-SPERBER, Monique. **Dicionário de Ética e Filosofia Moral**. 2 v. Editora Unisinos, 2003.
- CEPPAS, Filipe. **Indústria cultural e educação**: o novo canto da sereia. *Educação & Sociedade*. V. 24, n. 82, 2003. Campinas, V. 24. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010173302003000100028&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302003000100028&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 02 Dez 2006. .
- CHANTELET, François. **Platão**. Porto: Res, [1977?]. 181 p.
- CORACINI, Maria J. R. F. **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**: língua materna e língua estrangeira. Campinas: Pontes, 1999.
- CORNFORD, Francis Macdonald. **Antes e Depois de Sócrates**. São Paulo: Martins fontes, 2001. cap. III
- \_\_\_\_\_. **Principium sapientiae**: as origens do pensamento filosófico grego. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989. 443 p.
- FORQUIN, Jean-Cloude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artmed, 1993.
- FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade III**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

FRANCO, I. F. **A Realidade do Mundo Físico na Filosofia de Platão**. O Que nos Faz Pensar. Rio de Janeiro. V. 1, n. 11. Rio de Janeiro 1997. p.

GADAMER, H. G. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HAVELOCK, Eric A. **Prefácio a Platão**. Campinas: Papyrus, 1996. 339 p.

HERÁCLITO. **Origem do pensamento** (fragmentos). Tradução de Emanuel C. Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

HOURDAKIS, Antoine. **Aristóteles e a Educação**. Traduzido por Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 2001. p. 67-78.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia**: a formação do homem grego. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 1413 p.

JANDIN, Pierre-Philippe. Aristóteles: A Difícil Simplicidade. In: **Cadernos Acadêmicos Ethica**. V.13, nº 1. Rio de Janeiro: Editoria da Universidade Gama Filho, 1994.

KELSEN, Hans. **A Ilusão da justiça**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KNELLER, G. F. **Introdução à Filosofia da Educação**. Tradução de Álvaro Cabral. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

KOFMAN, Sarah. Filosofia Terminada, Filosofia interminável. **Ethica Cadernos Acadêmicos**. V.13, nº1, 2006. pp.139-161. P. 87-129.

LEBRUN, Gerard. **O Averso da Dialética**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

LUCKESI, Cipriano. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

MANON, Simone. **Platão**. Traduzido por Flávia Cristina de Souza Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.23.

MARROU, H. I. Educação e Retórica. In: FINLEY, M. I. **O Legado da Grécia**: uma nova avaliação. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998, p. 221; p.212.

MARX, C.; ENGELS, F. **La Ideología Alemana** (Tesis sobre Feuerbach). México: Cultura Popular, 1978.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

----- **Educação e Complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 2002.

----- **Os sete saberes necessários á educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2000.

PLATÃO; NUNES, Benedito. **A República:** (ou: sobre a justiça, gênero político). 3. ed., rev. Belém: UFPA, 2000. 470 p. 2000.

PLATÃO. **Alcebiades**, o de la naturaleza del hombre. 4 ed. Buenos Aires: Aguillar, 1965. 163 p.

PLATÃO. **As leis:** incluindo Epinomis. São Paulo: Edipro, 1999. 543 p.

PLATÃO. **Diálogos** : Fedro - Protágoras - Filebo - Teetites. Buenos Aires: Argonauta, 1946. 371 p.

PLATÃO. **Diálogos** : Eutífron ou da religiosidade ; Apologia de Sócrates ; Críton ou do dever ; Fédon ou da alma. São Paulo: Nova Cultural, 2000. 191 p.

PLATÃO. **Diálogos.** 2 v. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966-1968.

PLATÃO. **Diálogos:** O banquete; Fédon; Sofista; Político. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. 261 p.

PLATÃO. **Protágoras.** Fortaleza: EUFC, 1986. 147 p.

PLATÃO. **Teeteto:** Crátilo. Tradução de Benedito Nunes. 2 v. 3. ed. Belém: UFPA, 2001.

PLATÃO. **Timeu:** Crítias; O segundo Alcibiades; Hípias menor. Tradução de Benedito Nunes. 3. ed. p. 2001.

PAVIANI, J. **Escrita e Linguagem em Platão** – Notas introdutórias. Porto Alegre: Edipuc/RS, 1993. (Coleção Filosofia. V. 5.)

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação:** a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PINHEIRO, Marcus Reis. **Conversão filosófica, dialética e educação na República de Platão.** In: RODRIGUES, A. et al. Analógos, **Anais** da IV SAF-PUC. Rio de Janeiro: Ed. PUC, 2004.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia.** São Paulo: Loyola, 1994.

REALE, Giovanni. **Para uma nova interpretação de Platão:** releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das doutrinas não-escritas. 14. ed. São Paulo: Loyola, 1997.



- REALE, G. e ANTISERI, D. **História da Filosofia**: filosofia pagã antiga. V. 1. Traduzida por Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003. p. 131-184.
- RESENDE FILHO, Edson Peixoto. **A interpretação de Pierre Aubenque dos usos filosóficos da analogia em Platão**. Disponível em: < <http://www.gamaposfilosofia.org/produção>. Acesso em: 02 Dez 2006.
- ROSS, David. **Teoria das Lãs Ideas de Platón**. Tradução de José Luiz Díez Arias. Madrid: Cátedra, 1997
- RUSS, J. **Pensamento Ético Contemporâneo**. Tradução de Constança M. César. São Paulo: Paulus, 2003. 178 p.
- RUSSEL, Bertrand. **História do pensamento ocidental**: a aventura dos pré-socráticos a Wittgenstein. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. 463 p.
- SANTOS, Maria Carolina. Poder e Filosofia: a essência da Paidéia Platônica. **Hypnos**: revista do Centro de Estudo da Antiguidade Greco-Romana (CEG). PUC/SP. Ano I, nº 1. São Paulo: Educ; Loyola; Trion, 1996.
- SANTOS, Mário Ferreira dos. **O um e o múltiplo em Platão**: com "Parmênides" diálogo de Platão. São Paulo: Logos, 1958. 245 p.
- SARDI, Sérgio Augusto. **Diálogo e dialética em Platão**. Porto Alegre: edipuc/RS, 1995. 115 p.
- SCOLNICOV, Samuel. **Platão e o Problema Educacional**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- MARROU, H. I. Educação e Retórica. In: FINLEY, M. I. **O Legado da Grécia**: uma nova avaliação. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998, p. 221; p.212.
- SCHÜLER, Donaldo. **Eros**: dialética e retórica. São Paulo: EDUSP, 1992. 167p.
- SOARES, Marcio. **A ontologia de Platão**: uma abordagem logística. Passo Fundo: UPF, 2001. 149 p.
- TRABATTONI, Franco. **Oralidade e escrita em Platão**. São Paulo: Discurso Editorial, 2003.
- TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999. 140 p.
- VAZ, Henrique C. de Lima. **Ontologia e História**. São Paulo: Duas Cidades, 1968.
- VERNANT, Jean Pierre. **As origens do pensamento grego**. 12. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

WATANABE, Lygia Araújo. **Platão por mitos e hipóteses**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

WILLIAMS, Bernard A. O. – **Platão**: a invenção da filosofia. Traduzido por Irley Fernandes Franco. São Paulo: Editora Unesp, 2000. (Coleção grandes filósofos)

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.